



Universidade de Brasília - UnB  
Faculdade de Comunicação - FAC  
Departamento de Audiovisuais e Publicidade - DAP

**ENSINO PÚBLICO NAS PERIFERIAS BRASILEIRAS:  
ANÁLISE DA SÉRIE FICCIONAL “SEGUNDA CHAMADA”**

Ester Macedo Lira

Brasília - DF  
2023



Universidade de Brasília - UnB  
Faculdade de Comunicação - FAC  
Departamento de Audiovisuais e Publicidade - DAP

**ENSINO PÚBLICO NAS PERIFERIAS BRASILEIRAS:  
ANÁLISE DA SÉRIE FICCIONAL “SEGUNDA CHAMADA”**

Ester Macedo Lira

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso ao Departamento de Audiovisual e Publicidade da Universidade de Brasília como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual.

Orientação: Prof. Dr. Fernando de Oliveira Paulino  
Coorientação: Profa. Me. Milena dos Santos Marra

Brasília, fevereiro de 2023.

**ENSINO PÚBLICO NAS PERIFERIAS BRASILEIRAS:  
ANÁLISE DA SÉRIE FICCIONAL “SEGUNDA CHAMADA”**

Ester Macedo Lira

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso ao Departamento de Audiovisual e Publicidade da Universidade de Brasília como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Fernando de Oliveira Paulino  
Orientador – Presidente da Banca | FAC – JOR / UnB

---

Profa. Me. Milena dos Santos Marra  
Coorientadora | FAC – JOR/ UnB

---

Profa. Dra. Mariana Souto de Melo Silva  
Membro 1 | FAC – DAP / UnB

---

Profa. Dra. Cristiane Parente de Sá Barreto  
Membro 2 | FAC - COMORG / UnB

---

Prof. Dr. Sérgio Ribeiro de Aguiar Santos  
Suplente | FAC - JOR / UnB

Dedico este trabalho aos sonhadores, que batalham diariamente na esperança de ir além.

Ao jovem atendente de lanchonete que é estudante no ensino noturno. À moça que trabalha na limpeza de casas para custear seus estudos.

Tudo que se vê hoje em dia já foi sonho de alguém no passado. Que o futuro seja menos desigual e haja mais identificação nas telas.

## AGRADECIMENTOS

Ao único Rei eterno, que pelo poder da palavra criou toda a existência, me agraciou com o fôlego de vida e me fez resistir a todas as circunstâncias até aqui.

À minha mãe, Delziene, por me mostrar diariamente o impacto que a disciplina e a devoção podem proporcionar. Ao meu pai, Nonato, por demonstrar que paciência e generosidade são ideais vitais para ter consciência de si e de outrem. A ambos pelo apoio tão crucial que envolve não apenas a motivação para a minha insistência nos meus sonhos, mas também o incentivo material e apoio espiritual.

Aos meus avós maternos, que não se encontram mais neste mundo, mas contribuíram com ricos conselhos de fé em grande parte de meu processo formativo e sempre serão lembrados com muito afeto.

Aos meus avós paternos, que me inspiram a permanecer na busca por qualidade de vida, que é fruto não apenas de esforço individual mas também do pensar coletivo.

Às minhas amigas Aurora, Mari Leite, Karolynne e Nathália que foram muito importantes por compartilharem comigo um pouco de suas experiências e por me escutarem.

Aos meus professores do Cemab - Centro de Ensino Médio Ave Branca, por me inspirarem a perseverar na carreira acadêmica. Às professoras Adelaide Paula e Ana Maria Fraga por abrirem meus olhos para o fazer artístico e seu potencial comunicativo, com suas aulas e eventos marcantes de Língua Portuguesa.

À Universidade de Brasília pelo aceite em pleno ano da campanha "UnB Mais Humana" (2018), por me ensinar na prática sobre diversidade ao promover contato com os mais diversos grupos e identidades sociais.

Às minhas amigas Carolina e Elizabet, pelas conversas catárticas, pela companhia em aulas, intervalos e almoços, por ouvirem meus longos áudios de WhatsApp e por todas as memórias que construímos juntas graças ao encontro que só a UnB poderia proporcionar.

Às demais amigas que fiz na universidade, em especial, Karla Luz, Duda Rodrigues e Alice Aquino, sem as quais seria muito mais complicado ser universitária.

À amável equipe que compõe o Programa de Extensão Comunicação Comunitária: Anna Caroline, Luigi Fontenele, Patrícia Bezerra, Luiz Neto, Mari Abuchain, Gabriella Landim, Lari Barbosa, Isabella Valenza e Ju Monção.

Ao corpo docente da Faculdade de Comunicação, principalmente Dione Moura, Emília Silberstein, Elton Bruno, Maurício Fonteles, João Lanari e Norlan Silva.

À equipe que compõe a UnBTV, emissora que estagiei com muita satisfação e marcou pelas muitas trocas de conhecimento profissional, de convivência e de cunho pessoal.

À equipe da produtora Rodoferrô, por me inspirar na escolha de tema e apoio em parte da metodologia de trabalho, que me fez ter um novo olhar quanto à valorização das séries nacionais.

Aos queridos professores Fernando Paulino e Milena Marra, por tamanha contribuição acadêmica e pessoal que me concederam desde minha participação no Programa ComCom e por aceitarem me guiar na proposta deste trabalho de conclusão de curso (mesmo com as mudanças ao longo do trajeto).

À sublime banca examinadora pelo prestativo aceite em avaliar este trabalho.

Por fim, à Ester de 2017, por sua fé e dedicação aos estudos, mesmo com as limitações sociais, inseguranças pessoais e distrações pelo caminho. Por sua persistência em transpor o precipício da indiferença pela educação.

*Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo  
para todo o propósito debaixo do céu.  
(Bíblia. Eclesiastes, 3, 1.)*

*Does love have an open door?  
Welcome, stranger  
Give us your tired and poor  
All those in need  
Oh, dreamer  
Teach us to dream again  
Oh, children  
We wanna see again  
[...]  
We say, land of liberty  
Pretend equality  
Let freedom ring  
Let freedom ring  
Does the cost of security  
Bankrupt our humanity?  
Let freedom ring  
Let freedom ring  
(The Brilliance, Oh Dreamer. 2018)*

## RESUMO

Esta monografia tem como tema a representação audiovisual do ensino público periférico brasileiro na série ficcional “Segunda Chamada”. Por meio da abordagem metodológica de Análise Pragmática da Narrativa proposta por Luiz Gonzaga Motta, foram analisados dois episódios da série, produzida entre 2019 e 2021 pela O2 Filmes e exibida na TV Globo. O estudo objetivou expor as características acerca do tema através da identificação da estrutura e dos elementos da narrativa, tais como principais personagens, conflitos e universo, além dos assuntos que perpassam a escola e auxiliam na formação de cidadãos. Como núcleo teórico, utilizou-se Darcy Ribeiro, Paulo Freire e José Pacheco, no tocante a educação pública; Arlindo Machado e José Carlos Aronchi de Souza, no que se refere a formato televisivo; e, Aristóteles, Robert McKee, Syd Field e Luiz Gonzaga Motta, acerca de análise narrativa e estudos de roteiro. Os resultados de pesquisa demonstraram que a educação periférica se caracteriza, sumariamente, pela desigualdade acentuada pelo poder público e pelo destaque de questões pessoais de professores e alunos admitindo que estas devem ser conduzidas em sala de aula. Concluiu-se que as narrativas audiovisuais são capazes de demonstrar a realidade intrínseca do cenário nacional mediante aos personagens, conflitos e situações dramáticas.

**Palavras-chave:** Educação Pública; Educação Periférica; Formato Televisivo; Análise Narrativa; Representação; Roteiro

## ABSTRACT

This monograph has as its theme the audiovisual representation of Brazilian suburban public education in the fictional series *Segunda Chamada*. Through the methodological approach of Pragmatic Narrative Analysis proposed by Luiz Gonzaga Motta, two episodes of the series, produced between 2019 and 2021 by O2 Filmes and shown on TV Globo, were analyzed. The study aimed to investigate the characteristics of the theme through the identification of the structure and elements of the narrative, such as main characters, conflicts and universe, in addition to the subjects that pervade the school and help in the formation of citizens. As a theoretical nucleus, Darcy Ribeiro, Paulo Freire and José Pacheco were used, regarding public education; Arlindo Machado and José Carlos Aronchi de Souza, regarding the television format; and, Aristotle, Robert McKee, Syd Field and Luiz Gonzaga Motta, about narrative analysis and script studies. The research results showed that suburban education is characterized, summarily, by inequality accentuated by the public power and by highlighting personal issues of teachers and students, admitting that these should be conducted in the classroom. It was concluded that audiovisual narratives are capable of demonstrating the intrinsic reality of the national scene through characters, conflicts and dramatic situations.

**Keywords:** Public Education; Suburban Education; Television format; Narrative Analysis; Representation; Screenplay

**LISTA DE ILUSTRAÇÕES**  
(gráficos, quadros e imagens)

<b>Gráfico 1</b> - Relação entre etapas de ensino e atividades culturais acessadas em um ano	<b>14</b>
<b>Gráfico 2</b> - Paradigma Narrativo de Syd Field (2001, p. 97)	<b>44</b>
<b>Quadro 1</b> - Referenciais urbanos para a definição de periferia	<b>26</b>
<b>Quadro 2</b> - Segunda Chamada 1x1 - identificação de personagens e conflitos	<b>53</b>
<b>Quadro 3</b> - Segunda Chamada 2x1 - identificação de personagens e conflitos	<b>62</b>
<b>Imagem 1</b> - Manchete que cita Antônio Obá como artista que saiu da periferia	<b>28</b>
<b>Imagem 2</b> - Imagem esfumada de uma sala de aula com carteiras, estante de livros e uma janela quebrada	<b>36</b>
<b>Imagem 3</b> - Imagem esfumada de uma janela quebrada	<b>36</b>
<b>Imagem 4</b> - Imagem de teto com infiltração	<b>37</b>
<b>Imagem 5</b> - Cartaz da escola que diz: “Educação não é gasto é investimento”	<b>38</b>
<b>Imagem 6</b> - Jaci na sala de direção da escola	<b>38</b>
<b>Imagem 7</b> - Natasha entre os banheiros masculino e feminino	<b>39</b>
<b>Imagem 8</b> - Sônia e Marco André diante de muro grafitado “Enquanto houver repressão, haverá resistência”	<b>40</b>
<b>Imagem 9</b> - Lúcia diante de prédios de São Paulo	<b>40</b>
<b>Imagem 10</b> - Jaci assiste a notícia sobre corte na educação na TV	<b>41</b>
<b>Imagem 11</b> - Lúcia observa pessoas em situação de rua com livros	<b>42</b>
<b>Imagem 12</b> - Lúcia observa alunos em carteiras da sala de aula	<b>42</b>
<b>Imagem 13</b> - Miçangas indígenas sendo guardadas numa sacola	<b>43</b>
<b>Imagem 14</b> - Wallace numa cadeira de rodas	<b>43</b>
<b>Imagem 15</b> - Lúcia tenta convencer Victor a ir para a escola	<b>46</b>
<b>Imagem 16</b> - Marco André chega à escola pela primeira vez	<b>46</b>

<b>Imagem 17</b> - Lúcia entra na escola com o letreiro “Escola Estadual Carolina Maria de Jesus”	<b>47</b>
<b>Imagem 18</b> - Natasha reage à bolada após ser chamada de Robson	<b>47</b>
<b>Imagem 19</b> - Rita sentada na escola com criança no colo	<b>47</b>
<b>Imagem 20</b> - Maicon Douglas cochila no banheiro masculino	<b>48</b>
<b>Imagem 21</b> - Lúcia e Jaci se beijam na sala da direção	<b>48</b>
<b>Imagem 22</b> - Eliete dialoga com Rita sobre o cuidado de seu bebê	<b>49</b>
<b>Imagem 23</b> - Rita tensa próximo à cantina da escola	<b>49</b>
<b>Imagem 24</b> - Natasha discute com Jurema na porta do banheiro feminino	<b>50</b>
<b>Imagem 25</b> - Lúcia ministra aula sobre Carolina Maria de Jesus	<b>51</b>
<b>Imagem 26</b> - Jurema fica sensibilizada com a aula sobre Carolina Maria de Jesus	<b>51</b>
<b>Imagem 27</b> - Lúcia e Jaci se preocupam com o que fazer com a criança	<b>52</b>
<b>Imagem 28</b> - Flashback de Lúcia ao brigar com aluno na escola	<b>52</b>
<b>Imagem 29</b> - Maria Expedita prova uniforme da escola	<b>53</b>
<b>Imagem 30</b> - Entrada de Lúcia na Escola Estadual Carolina Maria de Jesus	<b>54</b>
<b>Imagem 31</b> - Jaci questiona o número escasso de alunos na lista de chamada	<b>54</b>
<b>Imagem 32</b> - Lúcia questiona servidor sobre o vazio da escola	<b>55</b>
<b>Imagem 33</b> - Flashback com identidade da mãe biológica de Marco André	<b>56</b>
<b>Imagem 34</b> - Lúcia se indigna ao saber da desistência de Wallace	<b>56</b>
<b>Imagem 35</b> - Anuiá recolhe miçangas que foram jogadas do chão da escola	<b>57</b>
<b>Imagem 36</b> - Lúcia vai em busca de Wallace	<b>57</b>
<b>Imagem 37</b> - Gilsinho discute por uma carteira	<b>58</b>
<b>Imagem 38</b> - Sônia ministra aula sobre a origem dos povos	<b>59</b>
<b>Imagem 39</b> - Anuiá assiste aula de Sônia	<b>59</b>
<b>Imagem 40</b> - Gilsinho revela que tem Alzheimer	<b>59</b>
<b>Imagem 41</b> - Marco André se aproxima de Maria Expedita	<b>60</b>
<b>Imagem 42</b> - Lúcia convida pessoas em situação de rua a frequentarem a escola	<b>60</b>
<b>Imagem 43</b> - Depoimento factual de estudante do ensino noturno	<b>63</b>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>1 ELEMENTOS INTRODUTÓRIOS</b>	<b>17</b>
1.1 Tema	17
1.2 Objeto	20
1.3 Problema de Pesquisa	20
1.4 Objetivos	21
1.5 Justificativa	21
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO</b>	<b>22</b>
2.1 Educação Pública & Periférica	23
2.2 Formato Televisivo	28
2.3 Análise Narrativa	29
<b>3 A SÉRIE “SEGUNDA CHAMADA”</b>	<b>34</b>
3.1 Resumo da Série	34
3.2 Análise Pragmática dos Episódios	36
3.2.1 Plano da Expressão (linguagem ou discurso)	36
3.2.2 Plano da Estória (conteúdo)	45
3.2.3 Plano da Metanarrativa (tema de fundo)	64
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>67</b>
<b>5 REFERÊNCIAS</b>	<b>69</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>72</b>
I - Resenha* “Pro Dia Nascer Feliz” por Ester Macedo Lira	72
II - Mapa Analítico - Aplicação do Paradigma Narrativo	74

## INTRODUÇÃO

A escola é o ambiente no qual cada estudante passa a ter consciência de seus próprios direitos e onde muitas pessoas passam a ter envolvimento com atividades culturais mas, todavia, as narrativas vivenciadas pelos alunos pouco têm espaço diante do modelo conteudista do sistema público de ensino sendo, essa questão ainda mais acentuada em contexto periférico. A partir dessa percepção, reconhecendo que os meios audiovisuais são capazes de transparecer aspectos da realidade, almejou-se ao longo deste trabalho, apontar como a educação se caracteriza em uma série televisiva exibida em escala nacional.

Doravante a experiência pessoal de quem escreve este trabalho, que foi estudante da rede pública de ensino desde a fase fundamental até a atual etapa universitária, pode-se afirmar que não é tão simples, em centros de ensino público, obter diálogo entre o conteúdo dado em sala de aula e a apreciação cultural que é pertinente para a compreensão da realidade periférica dos alunos.

Em boa parte dessas instituições, há dificuldades estruturais e metodológicas até mesmo para a realização de tarefas que são prioritárias. Os conteúdos dados em sala de aula são, muitas vezes, desconexos à vivência dos alunos e corroboram para a relação *educador-educando*, sugerida por Paulo Freire, como “fundamentalmente narradora, dissertadora” (FREIRE, 2022, p. 79) .

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas” em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus depósitos, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixam facilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador, o depositante (FREIRE, 2022, p. 80).

Nesta “relação narradora”, entende-se que a *narrativa*<sup>1</sup> é transmitida pelo ponto de vista do educador que é também detentor do conhecimento a ser transmitido. E, assim, se dissipa a possibilidade de interação e de escuta das múltiplas narrativas do ponto de vista dos educandos, as quais poderiam também ser contributivas.

Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na

---

<sup>1</sup> Segundo o dicionário *Priberam* (Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/narrativa>>), o termo tem por significações: o ato de narrar; história contada por alguém; obra literária, geralmente em prosa, em que se relata um acontecimento ou um conjunto de acontecimentos, reais ou imaginários, com intervenção de uma ou mais personagens num espaço e num tempo determinados.

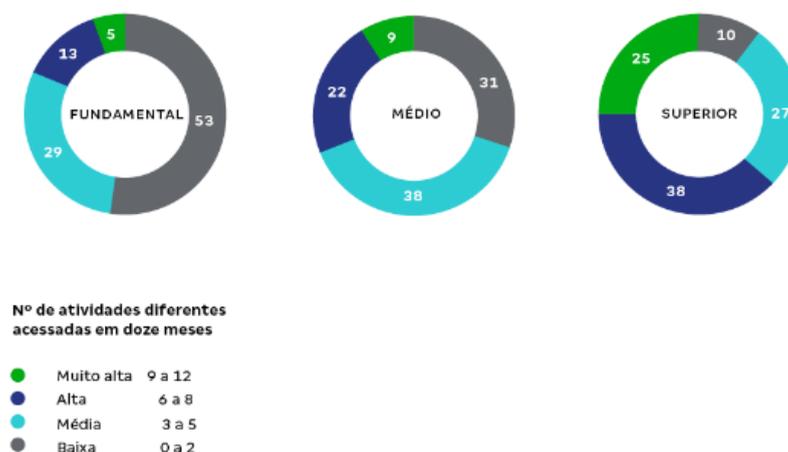
reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também (FREIRE, 2022, p. 81).

Pela falta de promoção de diálogo que venha a enriquecer os conteúdos, não há incentivo suficiente quanto à realização de projetos que estimulem a criatividade e o fazer cultural. Por mais que existam esforços de professores dedicados a romper com esse padrão, ainda são casos isolados.

Conforme o relatório *Cultura nas Capitais*<sup>2</sup>, com levantamento de dados pela empresa JLeiva Cultura & Esporte: “Quanto maior a escolaridade, mais as pessoas vão participar de atividades culturais”, indicando que a maior parte das pessoas têm acesso apenas no Ensino Superior, chegando a ser o dobro do que tiveram no Ensino Fundamental (PERES, Nova Escola, 2018). Os dados do mesmo estudo apontam que o maior nível de escolaridade possibilita que o indivíduo tenha mais opções culturais e, ainda na escola, seja encorajado a participar dessas atividades.

**Gráfico 1 - Relação entre etapas de ensino e atividades culturais acessadas em um ano**  
**ESCOLA TAMBÉM ESTIMULA DIVERSIFICAÇÃO DE ATIVIDADES CULTURAIS**

53% dos que tem até o fundamental foram a no máximo dois tipos de atividades em doze meses (em %)



Crédito: Lucas Magalhães/adaptação dos gráficos da pesquisa *Cultura nas Capitais*, de JLeiva Cultura & Esporte

Fonte: Nova Escola, 2018

<sup>2</sup> Não é só renda: Educação tem mais impacto no acesso à cultura. Nova Escola, 2018. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/12159/educacao-garante-mais-acesso-a-cultura-do-que-renda-diz-pesquisa>>. Acesso em 10 jan. 2023.

A situação do ensino público brasileiro se mostra ainda mais agravante em contexto periférico, concernente aos locais distantes dos centros ou isolados dos mesmos e que possuem “pouca ou nenhuma estrutura e serviços urbanos, onde vive a população de baixa renda” (MICHAELIS)<sup>3</sup>.

Em artigo sobre o termo “Periferia” e seus distanciamentos, Likem Jesus (2021) afirma que o conceito de periferia é “insuficiente quando considera apenas o critério geográfico e desconsidera a sua vinculação à ordem social e ao poder” (JESUS, 2021). E diz ainda que para a construção do conceito, além do levantamento de dados, a pesquisa buscou:

como sujeitos inseridos nesse contexto – que partilham de um espaço de troca de saberes, reflexão e interação – definem as suas experiências urbanas e avaliam a influência dos seus locais de moradia na constituição de suas cidadanias, analisando as suas **narrativas** (JESUS, 2021, 60, grifo nosso).

Esta busca por narrativas implica no destaque que seus narradores têm. Na procura pela compreensão de um fator relevante, entende-se melhor o contexto a partir do ponto de vista de quem o narra. Narrativas auxiliam não só no processo de consolidação desse contexto, mas na construção de sentidos acerca do ensino público nas regiões mais vulneráveis do país.

Luiz Gonzaga Motta (2013), em obra dedicada à análise narrativa<sup>4</sup>, cita razões pelas quais estudá-las, dentre elas:

compreender como os homens criam representações e apresentações do mundo. Representar é colocar algo no lugar do outro, criar um símbolo que é tomado como o próprio outro. Vivemos numa época em que as pessoas são cada vez menos testemunhas diretas ou oculares dos fatos. As experiências de vida das pessoas são cada vez mais mediadas, elas tomam cada vez mais contato com o mundo exterior por meio das representações virtuais e discursivas da realidade (MOTTA, 2013, p. 32).

Sendo assim, estudar narrativas nos permite compreender as questões sociais e “pode ensinar muito sobre as maneiras pelas quais os homens constroem essas representações do mundo material e social” (MOTTA, 2013). As narrativas edificam visões de mundo sobre determinados temas. É, portanto, coerente que em todo conteúdo produzido e difundido parta-se da premissa aristotélica:

---

<sup>3</sup> Periferia. In: MICHAELIS On-line. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/periferia/>> Acesso em: 13 jan. 2023.

<sup>4</sup> Análise Crítica da Narrativa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

**a narrativa (roteiro) é a imitação da ação**, uma vez que uso o termo narrativa para designar **a construção dos atos**, *caráter* para designar aquilo em função do que atribuímos determinadas qualidades aos agentes, enquanto *pensamento* abrange tudo aquilo que no discurso falado permite que demonstrem alguma coisa ou que declarem o que pensam (ARISTÓTELES, 2011, p. 47-48, **grifo nosso**).

Sabe-se que as narrativas estão presentes em inúmeros conteúdos audiovisuais consumidos e é notório que, dentre tantos, o formato televisivo é um dos que são capazes de melhor traduzir diversas questões que remetem a situações imaginárias ou corriqueiras através dessas narrativas. Segundo Arlindo Machado (2001),

A televisão abrange um conjunto bastante amplo de eventos audiovisuais que têm em comum apenas o fato de a imagem e o som serem constituídos eletronicamente e transmitidos de um local (emissor) a outro (receptor) também por via eletrônica. Cada um desses eventos singulares, cada programa, cada capítulo de programa, cada bloco de um capítulo de programa [...] constituem aquilo que os semióticos chamam de um *enunciado*. Os enunciados televisuais são apresentados aos telespectadores numa variabilidade praticamente infinita (MACHADO, 2001. p. 70, grifo do autor).

Ou seja, o formato televisivo, composto pelos mais diversos gêneros, é permissivo aos mais amplos debates em torno das mais variadas temáticas e, por serem flexíveis, por vezes se mostram difíceis de categorizar. Ainda de acordo com Machado (2001):

A riqueza e a diversidade dos gêneros discursivos são ilimitadas, porque as possibilidades de atividade humana são também inesgotáveis e porque cada esfera de atividade contém um repertório inteiro de gêneros discursivos que se diferenciam e se ampliam na mesma proporção que cada esfera particular se desenvolve e se torna cada vez mais complexa (MACHADO, 2001. p. 71).

Tendo isso em vista, dentre os gêneros televisivos que costumeiramente atraem a atenção dos espectadores está a narrativa seriada. De acordo com pesquisa efetuada em 2022 pela NBCUniversal Brasil<sup>5</sup>, 93% dos brasileiros que possuem televisão assistem a séries, enquanto que, em 2018, período pré-pandêmico, a porcentagem era de 51%. Diante desse fator, as séries se consolidam como potentes meios de expressão ao tratarem de temas específicos para cada pessoa. E, por suas narrativas ajudarem na compreensão do mundo, é essencial que estas venham a tratar de identificação. Conforme a mesma pesquisa, *44% dos espectadores dizem se sentir representados pelos personagens das séries atuais e 65% afirmam que preferem as séries que trazem diversidades e contribuem para uma sociedade melhor*.

---

<sup>5</sup> Siniscalchi, Nicole. GKPB. **93% dos brasileiros assistem a séries, revela pesquisa da NBCUniversal Brasil**. Disponível em: <https://gkpb.com.br/105869/series-pesquisa-nbcuniversal-brasil/>. Acesso em 13 jan. 2023

Situam-se nesse contexto as produções seriadas brasileiras, que com muito afincamento vêm adquirindo espaço nas telas concomitante às internacionais e possuem grande prestígio no que tange à representação da cultura local. A exemplo disso, pode-se pensar em diversas séries estrangeiras que tratam-se de ocorrências médicas, como *Greys' Anatomy* (2005-) e *Chicago Med* (2015-), mas as circunstâncias brasileiras que versam sobre o mesmo assunto tornam a discussão mais autêntica, como é o caso das séries brasileiras *Unidade Básica* (2016) e *Sob Pressão* (2017-), indicada ao Emmy Internacional por Melhor Atriz. Pode-se dizer também, daqueles que discorrem sobre casos policiais ou dinâmicas educacionais.

Posto isto, ao se pensar no que constitui o âmbito escolar brasileiro no universo das narrativas seriadas, definiu-se a série “Segunda Chamada” (2019-2021), dirigida por Carla Faour e Julia Spadaccini, para analisar dois de seus episódios, uma vez que esta corresponde a uma das mais representativas produções brasileiras ao se tratar de educação periférica e que a definição dos episódios permite demonstrar com mais abrangência as questões acerca do tema e possíveis transformações de um ao outro, por se tratarem de temporadas distintas. A produção foi exibida na Rede Globo, canal aberto de televisão brasileira, e foi distribuída no streaming (Globoplay). Para isso, buscou-se responder à questão: *Como se caracteriza a narrativa acerca da educação pública brasileira dentre os anos 2019 e 2021 na série televisiva Segunda Chamada produzida pela O2 Filmes e distribuída pelo Globoplay?*

A análise foi embasada nas três instâncias expressivas propostas por Luiz Gonzaga Motta (2013) no capítulo 6, intitulado “Procedimentos operacionais da análise pragmática”, do livro “Análise Crítica da Narrativa”. O estudo buscou apreender, por meio dos Planos de Expressão, da Estória e da Metanarrativa, as características estruturais das narrativas apresentadas nos episódios de modo a entender como se configura a educação pública brasileira periférica no cenário audiovisual da série.

## **1 ELEMENTOS INTRODUTÓRIOS**

### **1.1 Tema**

O Brasil possui cerca de 178,4 mil escolas de ensino básico, segundo o Censo Escolar de 2021<sup>6</sup>. Este número engloba escolas de ensino infantil, fundamental e médio. Mas, apesar desta contabilização, o número de matrículas tem diminuído ao longo dos anos, pois,

---

<sup>6</sup> Censo Escolar 2021. Ministério da Educação, 2022. Disponível em: <[https://download.inep.gov.br/censo\\_escolar/resultados/2021/apresentacao\\_coletiva.pdf](https://download.inep.gov.br/censo_escolar/resultados/2021/apresentacao_coletiva.pdf)>. Acesso em 10 jan. 2023.

em comparação com o ano de 2020, houve cerca de 627 mil a menos. Parte deste valor deve-se à evasão escolar em decorrência da pandemia de Covid-19, porém, esta não é a única motivação para a desistência dos alunos.

A compreensão da situação escolar no Brasil não deve ser avaliada desvinculada da configuração de desigualdade social predominante e consequente da vida urbana nas cidades, que apresenta sintomas característicos da globalização, como explicitado por Georg Simmel (2009),

Todas as relações anímicas entre as pessoas se fundam na sua individualidade, enquanto as relações intelectivas contam com os homens como com os números, como elementos em si indiferentes, que só possuem um interesse de acordo com as suas capacidades objectivamente consideradas (SIMMEL, 2009, p. 5).

Ou seja, as relações mantidas pelo indivíduo moderno tendem a sua individualidade e, ao tratar-se de conhecimento, inclinam-se ao genérico e sistemático interesse social, que ludibria qualquer traço particular envolvendo a subjetividade, podendo levar inclusive à desumanização, “que não se verifica apenas nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação do *ser mais*” (FREIRE, 2022, p. 40).

A experiência nas grandes cidades contribui para o sentimento de desconexão com o outro, fortalecendo o isolamento, apesar dos habituais e despreziosos encontros ao longo dos trajetos muitas vezes marcados pela precarização da mobilidade urbana.

Diante desse contexto, a rotina proeminente ao mundo do trabalho colabora e dificulta a motivação para os estudos. Se, por um lado, prioriza a formação educacional para a obtenção de cargos, por outro, dificulta o acesso e a assiduidade daqueles que não dispõem de escolaridade.

A urbanização caótica lançou sobre as cidades a imensa maioria da população rural de cultura rústica, transmitida oralmente de pais a filhos, engrossando as massas urbanas de antiga extração que tinham sido também excluídas da cultura moderna, porque nunca foram escolarizadas. A escola sempre lhes foi vedada. Só se tornou, de fato acessível, através das escolas de turnos: dois, três, quatro incapazes de alfabetizar a população e, menos ainda, de educá-la (RIBEIRO, 2018, p. 30).

As escolas situadas em zonas periféricas tendem a sofrer maior impacto. Diante do conceito de periferias, para Carvalho e Joana (2022, p. 157, apud RITTER & FIRKOWSKI) elas

“são caracterizadas cada vez mais por outros contextos, não aqueles mensuráveis simplesmente por quilometragem ou marcação de anéis, coroas ou outro qualquer representativo geométrico, contextos esses alicerçados nas condições e contradições econômico-sociais dos seus

moradores, pelas infraestruturas existentes, pelas territorialidades estabelecidas e reestabelecidas, enfim, pelas suas espacialidades.”

No contexto brasileiro ocorrem inadequadas condições de infraestrutura e didática, como, por exemplo, a desatenção na contratação de professores.

“em termos de escolha dos professores, as escolas das periferias não estão no topo das suas preferências, seja por uma questão de distância geográfica, seja por uma questão de meio social, o que nos permite conjecturar sobre a experiência dos profissionais que acabam colocados nestas escolas. Tal não significa que as escolas das periferias tenham um quadro docente que se caracteriza pela falta de qualidade, mas que, em alguns casos, ele é diferente daquele que encontramos nas escolas centrais, tendo em conta as classificações usadas no seu recrutamento. A continuidade e a sustentação da qualidade do serviço prestado ficam, também, postas em causa por verificarmos que, assim que possível, estes profissionais tendem a concorrer para escolas mais centrais.” (CARVALHO, M.; JOANA, L.; 2022, p. 161)

Sinais como este são ainda mais agravantes com a falta de alunos em sala de aula. Tendo por base a experiência de Geslaine Sene (2019) em Ariquemes, Roraima, em que se buscou conhecer os motivos para a evasão escolar, alguns dos que foram listados são: o desinteresse, seja pela falta de estímulo ou de paciência; o trabalho; questões familiares; e, falta de material didático adequado.

No audiovisual brasileiro, são poucas as obras que se debruçam a tratar da educação característica do país. Mas, aquelas que têm esse tema, costumam tangencia-lo de modo muito efetivo. É o caso, por exemplo, do filme *Que Horas Ela Volta?* (Anna Muylaert, 2015), em que a protagonista, empregada doméstica que mora na casa dos patrões, recebe a filha que irá prestar vestibular para o ingresso no mesmo curso que o filho deles, demonstrando assim a desigualdade das classes sociais. Outro caso é o documentário *Pro Dia Nascer Feliz* (João Jardim, 2005), que expõe a condição educacional brasileira do ponto de vista de alunos de escola pública e privada evidenciando as diferenças de tratamento entre os contextos periférico e elitizado ao tentar mostrar os desafios dos jovens para a conclusão dos estudos. Mais um caso, do mesmo diretor, é o do filme *Atravessa a vida* (João Jardim, 2020), que apresenta a jornada de alunos da rede pública de Sergipe rumo à execução do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que poderá ditar o futuro deles. Todos estes exemplos retratam traumas da sociedade brasileira que afetam diretamente o ensino-aprendizagem.

A defasagem educacional latente está diretamente ligada ao prejuízo na formação cidadã e representa uma crise que, infelizmente, se delonga a passar. Como diria Darcy Ribeiro, em palestra que ministrou em 1977 no Congresso da SBPC<sup>7</sup>: “A crise da educação no Brasil não é uma crise; é projeto”. Mas, apesar disso, o egresso do ensino médio que ingressa

<sup>7</sup> Educação no Brasil: Darcy Ribeiro e a crise da educação. Soescola.com, 2018. Disponível em: <<https://www.soescola.com/2018/07/educacao-no-brasil.html>>. Acesso em 01 fev. 2023

no ensino superior promove um perfil distinto do tradicionalmente conhecido no contexto brasileiro que, segundo Britto (2008), apresenta-se como “um ‘novo aluno’, oriundo de um segmento social que até recentemente não tinha acesso à Educação Superior e que, normalmente, dispõe de condições de estudo limitadas e pouca convivência com objetos intelectuais e artísticos da cultura hegemônica” (p. 778). E, de certa forma, assume a responsabilidade de ir na contramão da desesperança.

## 1.2 Objeto

O objeto de estudo, recorte da temática deste trabalho, que se volta para a educação pública nas periferias, configura-se na série televisiva “Segunda Chamada”. Como corpus de pesquisa, foram analisados o primeiro episódio de cada uma das duas temporadas da série. Isso deve-se ao fato de que estes tendem a introduzir informações relevantes para a compreensão do produto audiovisual como a unidade temática, apresentação de personagens e dos conflitos que guiam as temporadas concernentes.

Além disso, a escolha destes episódios tende a facilitar o apontamento de transformações nas tramas propostas de uma temporada a outra.

A sinopse do episódio piloto (ou primeiro) da série a ser analisado consiste em:

Uma aluna abandona o seu bebê na escola e a professora Lúcia, que acaba de voltar às salas de aula, se deixa envolver pela situação e leva a criança para casa. Na mesma noite, o professor Marco André chega ao colégio e um aluno infarta depois de tomar remédios para se manter acordado (Globoplay, 2019).

A sinopse do primeiro episódio da segunda temporada é a seguinte:

Para evitar que o curso noturno feche, Lúcia procura por novos alunos. Eliete lida com a doença de um estudante, Sônia defende um aluno indígena e Marco André enfrenta seu passado (Globoplay, 2021).

## 1.3 Problema de Pesquisa

Diante da realidade de muitas escolas públicas no Distrito Federal e no Brasil, surgem amplas questões que podem levar à identificação de um problema de pesquisa. Dentre as quais, pode-se pensar: a partir da série *Segunda Chamada*, na forma que os produtos audiovisuais expressam de modo convincente histórias no ambiente escolar brasileiro; aspectos comuns entre os diversos produtos audiovisuais sobre o ensino público brasileiro; e, ao pensar na construção das tramas, em que instância o relato de pessoas que participaram (ou participam) do ensino público é necessário para colaborar no encadeamento das cenas.

Levando isso em consideração e tendo por base o recorte do tema tratado neste trabalho, foi definida a seguinte pergunta de pesquisa: *Como se caracteriza a narrativa acerca da educação pública brasileira dentre os anos 2019 e 2021 na série televisiva Segunda Chamada produzida pela O2 Filmes e distribuída pelo Globoplay?*

A partir disso, almejou-se examinar as temáticas discutidas no primeiro episódio de cada uma das duas temporadas da série a fim de identificar temas que se entrelaçam aos contratempos escolares característicos da cultura local.

#### **1.4 Objetivos**

De modo geral, o trabalho objetivou o estudo do ensino nas escolas públicas brasileiras e a representação que possuem nos produtos audiovisuais de modo a expor suas características. Foram analisados os conflitos, personagens e a ambiência que constituem essas narrativas para identificar traços inerentes à identidade cultural brasileira.

De modo específico, a partir do recorte de ensino nas periferias, objetivou-se analisar dois episódios da série televisiva *Segunda Chamada* para identificar:

- 1) A estrutura e os elementos da narrativa, tais como principais personagens, conflitos e características do universo;
- 2) Temáticas que perpassam a escola e auxiliam na compreensão da cultura local no que tange à formação de cidadãos.

#### **1.5 Justificativa**

Haja vista a amplitude da educação brasileira, são muitos os trabalhos em âmbito acadêmico que consideram como recorte desta temática o ensino em zonas periféricas. Ao se tratar da representação no audiovisual, na ocasião em que o assunto chega às telas por vezes incorre-se à mera exposição do ambiente escolar como algo em segundo plano, enfatizando as questões pessoais dos personagens ou até mesmo trazendo características que destoam da realidade cotidiana brasileira e muito se distanciam dos atributos correlatos às condições de ensino. A exemplo da série, vencedora do Emmy Internacional em 2018, *Malhação: Viva a Diferença* (Paulo Silvestrini, 2017), que apesar de ter pontos fortes no que se refere às personalidades vistas na juventude e empenhar-se em mostrar o quanto a distância econômica interfere no convívio social, tem a escola como pano de fundo.

A educação pública nas periferias possui singularidade e colabora para o entendimento da precária formação de cidadãos que se situam distantes de centros urbanos,

seja essa distância de cunho espacial ou social. O estudo deste recorte temático requer mais atenção visto que há forte vínculo entre as condições sociais e a estrutura de ensino a qual as pessoas podem estar sujeitas.

A linguagem audiovisual pode servir como ponte para a compreensão das características da educação local visto que, através dela, recursos visuais e sonoros proporcionam maior conexão com os espectadores, principalmente, se tratando da exibição de narrativas que são afeiçoadas ao estilo de vida deles. No formato televisivo, em que estão dispostos muitos eventos audiovisuais, os gêneros de ficção, como as novelas e os filmes, adquirem vasta adesão pelo potencial elucidativo das *estórias*<sup>8</sup>. A ficção auxilia na assimilação dos acontecimentos da vida e, esporadicamente, é empregada em contextos políticos e religiosos para tratar de circunstâncias e proporcionar efeito didático.

Neste ínterim, a importância analítica de produtos audiovisuais de ficção sobre a educação periférica confere reconhecimento de elementos que estão presentes na realidade factual em suas tramas. Por isso, demanda um método que examine mais rigorosamente a composição narrativa, bem como o tratado neste estudo, que tem três instâncias de expressão.

A definição da série *Segunda Chamada* se dá principalmente pela abrangência com a qual expõe a temática estudada por meio de situações específicas que podem ser identificadas em demais produtos audiovisuais brasileiros que tenham sido produzidos ou que venham a ser e que estão intimamente ligadas ao factual contexto periférico. Estando este produto em exibição no formato televisivo, a relevância da análise proposta neste estudo se dá pela apresentação de avanço metodológico quanto à identificação de características que possam ser exploradas futuramente.

Além disso, esta monografia contribui para o destaque no tocante à representação mais conexa das individualidades habituais encontradas nas periferias brasileiras que pouco são transmitidas em telas. Estudar os perfis dos envolvidos no ensino público, do qual a autora deste trabalho também fez parte, pôde gerar identificação pessoal e inspiração para o prosseguimento no assunto em futuros trabalhos.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO**

Para desenvolver a pesquisa que concerne ao tema deste trabalho, foi necessário o estudo de conceitos-chave a serem apontados nos produtos analisados. Assim sendo, dentre os

---

<sup>8</sup> O termo *estória*, como será visto a seguir, ao invés de história, é usado para se referir a fatos que não correspondem à realidade factual. Por mais que na atualidade seja considerado arcaico, seu uso ainda é bastante frequente por autores que se empenham nos estudos de narrativa.

autores estudados para a articulação teórica, foram vistos: Darcy Ribeiro (2018), Paulo Freire (2022) e José Pacheco (2015), no tocante a educação pública periférica; Arlindo Machado (2002) e José Carlos Aronchi de Souza (2015), no que se refere a formato televisivo; e, Aristóteles (2011), Robert Mckee (2018), Syd Field (1995) e Luiz Gonzaga Motta (2013), acerca de análise narrativa e estudos de roteiro.

## **2.1 Educação Pública & Periférica**

Ao se pensar em educação no Brasil, é inevitável admitir que um de seus principais expoentes foi Darcy Ribeiro. O trabalho do antropólogo, que chegou a ser ministro da educação e defensor do ensino integral, rendeu a implementação de Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs), que tinham por objetivo, além do ensino formal, a concretização de projetos culturais em período integral. Sua contribuição foi emblemática na diminuição do então alarmante estado educacional do país.

Dois fatos impressionam na educação brasileira: a magnitude da rede escolar pública e sua precariedade.[...] Tamanho fracasso educacional não se explica, obviamente, pela falta de escolas - elas aí estão, numerosíssimas - nem por falta de escolaridade, uma vez que estão repletas de alunos, sobretudo na 1ª série, que absorve quase metade da matrícula. (RIBEIRO, 2018, p. 17, 21)

Em sua visão crítica da educação brasileira, ele reconhecia que o número de escolas não era o x da questão, mas sim a compreensão das personalidades de cada aluno devido à condição sócio-econômica desencadeada pelo histórico de escravidão somado à caótica urbanização no país.

Nossa incapacidade de educar a população, como a de alimentá-la, se deve ao próprio caráter da sociedade nacional. Somos uma sociedade enferma de desigualdade, enferma de descaso por sua população. [...] Nosso atraso educacional é uma seqüela do escravismo. Nós fomos o último país do mundo a acabar com a escravidão, e este fato histórico, constitutivo de nossa sociedade, tem um preço que ainda estamos pagando. (RIBEIRO, 2018, p. 24)

Assim sendo, ao se pensar conceitualmente numa escola pública, esta que é um “serviço público oferecido pelo Estado gratuitamente e de caráter universal” (Editora Conceitos.com, 2017), nota-se pouco ou nenhum esforço na diminuição das desigualdades da nação brasileira.

Outro ponto a ser pensado, é a relação entre educador e educando, que muitas vezes é dada de modo a prestigiar um ponto de vista, do educador, e desconsiderar a individualidade dos alunos. Darcy Ribeiro (2018, p. 22) chega a comentar que esta relação de distanciamento,

que, seguidamente, ocasiona o baixo rendimento escolar, denuncia o perfil alienador de certos educadores em simplesmente atrelar as defasagens escolares a deficiências trazidas de casa e afirmar que “a escola não teria nada a ver com isso”.

Assim posto, Paulo Freire (2022), patrono da educação brasileira e pensador incontestável da pedagogia mundial, afirma que a relação educador-educando, se mostra *narradora e dissertadora*. O que chama a atenção, pois ao se tratar de narração, tem-se por elementos fundamentais: o enredo, os personagens, o espaço, o tempo e o *narrador*, este último que conduz por um ponto de vista específico sobre todos os demais elementos.

A tese de Freire (2022) pressupõe que o ponto de vista ao qual muitas salas de aula estão familiarizadas é o do educador, que desconsidera as experiências vivenciadas por seus alunos prestigiando um ensino conteudista ao invés de humanizado.

“Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem-comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos, vem sendo, realmente, a suprema inquietação desta educação. A sua irrefreada ânsia. Nela, o educador aparece como seu indiscutível agente, como seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é “encher” os educandos dos conteúdos de sua narração.” (FREIRE, 2022, p. 79)

Um exemplo ilustrativo do que a anulação do ponto de vista do educando pode proporcionar é o filme *Nada* (Gabriel Martins, 2017), em que uma jovem aspirante a rapper se vê pressionada pela conclusão do ensino médio e a constante cobrança dos demais por sua decisão de qual curso fazer na faculdade. O enredo se empenha em mostrar que o *background* da estudante tem afinidade filosófica e artística mas que estes aspectos pouco são aproveitados no ambiente escolar.

Levando em consideração o cenário periférico, no qual a educação pública está muito habituada, segundo Ribeiro (2018),

“A criança popular urbana, que vive em condições precárias, nas favelas ou nos bairros pobres da periferia, como em tantas outras regiões do Brasil, é essencialmente diferente da criança afortunada que vive nas áreas ricas. O pequeno favelado, comendo pouco e mal, cresce raquítico. As vezes é até prejudicado por malformações, se a fome ocorre muito cedo ou se é demasiada. Sua fala é também peculiar a atravessada, aos ouvidos da professora. Toda a inteligência está voltada para a luta pela sobrevivência autônoma, em esforços nos quais alcança uma eficácia incomparável.” (p. 22)

Entende-se por *periferia*, segundo o dicionário Priberam<sup>9</sup>, o “contorno de uma figura curvilínea” ou o “conjunto de zonas situadas à volta do centro de uma cidade, mas a alguma

---

<sup>9</sup> Periferia. In: PRIBERAM. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/periferia>> Acesso em: 20 jan. 2023

distância deste”. Para mais, segundo o Dicio<sup>10</sup>, pode-se considerar “condição do que, em uma cidade, se encontra afastado da cidade, do centro urbano, normalmente local onde está situada uma população de renda mais baixa”. A partir dessas conceituações prévias, é possível questionar as implicações disso no espaço urbano e socialmente.

“a periferia é produto do distanciamento, da exclusão, da segregação. No mapa urbano do Brasil, é traçada pelo Estado, pelas forças que agem em conjunto com ele e pela própria sociedade, uma espécie de linha: tênue o suficiente para se tornar invisível aos olhos de todos, inclusive de quem se encontra nesses locais; e, em contrapartida, forte o bastante para limitar a efetividade de políticas sociais, o fornecimento de serviços públicos estruturais e a autonomia na vida pública desses sujeitos. Noutras palavras, reforçam-se as desigualdades, ao mesmo tempo em que elas são naturalizadas.” (JESUS, 2021, p. 59).

Likem Jesus (2021) se empenha no conceito, a partir do dicionário Michaelis, que apresenta-o, dentre outros sentidos, como “região distante do centro urbano, com pouca ou nenhuma estrutura e serviços urbanos, onde vive a população de baixa renda”. Demonstrando assim que o termo é carregado por questões sócio-econômicas munidas pelo descaso governamental.

Outrossim, Jesus (2021) empenha-se na definição de periferia além da construção do espaço e das condições habitacionais nas metrópoles nacionais, ao focalizar os distanciamentos sociais e simbólicos a partir da definição das experiências de quem vivencia esse contexto. Ao realizar pesquisa com estudantes de uma escola pública de ensino médio em Itabuna, Bahia, que resultou numa atividade chamada “checklist da periferia” (quadro a seguir) com características dos bairros em que moravam, foram identificados “referenciais urbanos que a periferia carrega” (p. 67).

### **Quadro 1** - Referenciais urbanos para a definição de periferia

---

<sup>10</sup> Periferia. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/periferia/>> Acesso em: 01 fev. 2023

Quadro 1 - Checklist da periferia

No meu bairro existem ou durante algum tempo existiram ruas sem asfalto	85%
Existem poucas linhas de ônibus para o meu bairro	66%
Normalmente eu espero mais de 20 minutos no ponto de ônibus	66%
Para realizar minhas atividades cotidianas, eu preciso do transporte público	59%
No posto de saúde do meu bairro faltam medicamentos, vacinas e/ou médicos com frequência	54%
Meu bairro não tem praça	35%
A praça do meu bairro não é um local de lazer	55%
A coleta de lixo no meu bairro é insuficiente / Não há um lugar adequado para descartar o lixo	42%
O sistema de esgoto não funciona de modo eficiente no meu bairro	35%
Meu bairro é frequentemente noticiado nos blogs policiais da cidade	40%
Eu já ouvi comentários pejorativos a respeito do local em que eu moro	69%
Relacionam o meu bairro a criminalidade com frequência	52%
Relacionam o meu bairro a pobreza com frequência	30%

Fonte: JESUS, 2021

Diante desses itens, sugeridos pelos estudantes periféricos, observa-se tamanha importância existente do ponto de vista dos mesmos sobre o espaço em que convivem na medida em que sinalizam traços que compõem suas narrativas. Da mesma forma, apreciando na perspectiva do ensino, seria possível suplantando a condição das escolas caso houvesse o reconhecimento das vulnerabilidades dos alunos em sala de aula considerando o contexto que vivenciam do lado de fora.

Nos Estados Unidos, país em que as escolas *suburbanas*<sup>11</sup> estão envoltas por questões de raça e desigualdades de classe, mobilidade social, imigração e aprendizado de inglês, Diamond et al. (2021) argumenta que há necessidade de um ensino interdisciplinar e multidisciplinar para entender as vidas multifacetadas e o aprendizado de crianças e famílias nessas regiões.

“Os residentes suburbanos se deslocam regularmente através dos limites municipais devido a empregos, laços familiares, cuidado de crianças, acesso a bens materiais e consumo, instituições religiosas, etc. Considerando que grande parte da atenção à mobilidade e ao transporte se concentrou nas áreas urbanas, precisamos de mais estudos educacionais que atendam às relações sociais/familiares, econômicas, religiosas, políticas e raciais das famílias entre cidades e subúrbios, entre os municípios suburbanos e até mesmo nos espaços rurais. Precisamos de um trabalho que reúna percepções de várias disciplinas e aproveite os pontos fortes de cada perspectiva para entender as questões complexas enfrentadas pelas escolas e comunidades suburbanas” (p. 14, tradução nossa)

Um exemplo prático de medida educacional alternativa que tem sido adotado em Portugal, é o da Escola da Ponte com o projeto Fazer a Ponte. O modelo de ensino integral coordenado por José Pacheco, pedagogo crítico do sistema tradicional, propõe escolas sem divisões por turmas ou testes avaliativos, cujo princípio crucial é a autonomia estudantil.

<sup>11</sup> Aqui também entendidas como *periféricas*.

Segundo o método educacional (Moreira, 2014), cada estudante passa por três núcleos (iniciação, consolidação e aprofundamento), nos quais têm acesso a diversos orientadores educativos que os acompanham nas questões acadêmicas e comportamentais e, em vez de disciplinas, podem optar por seis dimensões: linguística, lógico-matemática, naturalista, identitária, artística, pessoal e social. Além disso, o estudante escolhe um tutor que pode ser qualquer indivíduo da comunidade acadêmica para orientá-lo e, ao final, ambos escolhem a forma pela qual o estudante irá mensurar seu aprendizado.

“Os alunos organizam-se em grupos formados à medida das necessidades de formação, sempre que surjam novos projetos. Movimentam-se entre espaços da escola em função das áreas de saber que em cada momento exploram, trabalhando com diferentes professores, desenvolvendo um trabalho que valoriza a reflexão, a capacidade de análise crítica e a componente de investigação.” (SILVA & RIBEIRO, 2019, p. 494, apud PACHECO & PACHECO, 2015, p. 12)

Desta forma, o método educacional prestigia não somente a autonomia estudantil mas também a horizontalidade das relações (SILVA & RIBEIRO, 2019) dissipando a convencional narração do ponto de vista dos educandos (FREIRE, 2022).

Pacheco, em entrevista ao portal Uol Educação em 2013, disserta sobre o panorama brasileiro com base em suas andanças pelo país, no qual visitou praticamente todos os estados. Para ele, é necessário que os professores desafiem os métodos convencionais de ensino de forma coletiva:

“No Brasil, participei de vários projetos onde os professores conseguiram escapar à lógica da reprodução do sistema que lhe é imposto. Só que isso requer várias condições: primeiro, não pode ser feito em termos individuais; segundo, a pessoa tem de respeitar que os outros também têm razão. Se, dentro da escola, os processos começam a mudar e os resultados aparecem, os outros professores se aproximam. Não tem de haver divisionismo.” (OutrasMídias, 2013)

Citando um exemplo local, ao voltar-se para o ensino público periférico no Distrito Federal, o artista Antônio Obá, mencionado em manchete (G1, 2022) de um grande veículo nacional por ter saído de uma periferia de Brasília, teve suas obras expostas em uma galeria de Nova York graças ao apoio de sua escola ainda em fase fundamental.

## Imagem 1 - Manchete que cita Antônio Obá como artista que saiu da periferia



Fonte: G1, 2022

Obá foi morador de Ceilândia, cidade que fica próxima à capital, e estudou em escola pública. Numa atividade em sala de aula, na qual cada aluno deveria fazer a releitura de um quadro, uma professora percebeu o destaque do trabalho dele e o levou a uma sala de recursos da própria escola, em que teria ensino focado em suas habilidades.

Histórias como esta poderiam se multiplicar desde que houvesse diferentes propostas de atividades em sala de aula que potencializassem as habilidades dos alunos levando em conta suas trajetórias e que a horizontalidade da relação professor-aluno fosse factível, prestigiando narrções dos mais amplos pontos de vista.

### 2.2 Formato Televisivo

Ao se pensar na televisão brasileira, sabe-se que há uma multiplicidade de gêneros e formatos tipicamente explorados em sua programação e até mesmo exportados para outros países, como é o caso das novelas. Isso se deve à capacidade exemplar de refletir histórias universais que versam aspectos locais para a ficção.

A despeito de todos os discursos popularescos e mercadológicos que tentaram e ainda tentam explicá-la, a televisão acumulou nestes últimos cinquenta anos de sua história, um repertório de obras criativas muito maior do que normalmente se supõe, um repertório suficientemente denso e amplo para que se possa incluí-la sem esforço entre os fenômenos culturais mais importantes de nosso tempo. (MACHADO, 2002, p. 15)

Apesar de seu caráter extremamente amplo, que gera identificação com os mais diversos públicos, há quem insista em dizer que a televisão é basicamente um modo de entreter a massa sem que haja profundidade de conteúdo. Arlindo Machado (2002), defende que embora muitos sejam os que falem a respeito da televisão, poucos sabem explicá-la.

O autor acrescenta que desde a Segunda Guerra Mundial, o meio permanece “o mais desconhecido dos sistemas de expressão do nosso tempo” (MACHADO, 2002, p.16). Principalmente por poucos serem os estudos empenhados em defini-lo de modo sistemático. Sendo necessário que se pense “a televisão como um conjunto de trabalhos audiovisuais (variados, desiguais, contraditórios) que a constituem, assim como cinema é o conjunto de todos os filmes produzidos e literatura o conjunto de todas as obras literárias escritas ou oralizadas” (Idem, 2002, p. 19).

Segundo José Carlos Aronchi de Souza (2015), o estudo deste meio de comunicação proporcionou ganhos no que diz respeito à compreensão de alguns fenômenos sociais como, por exemplo, no século XX, em que houve a hipótese de correlação entre a televisão e a queda de natalidade no Brasil. Além disso, no México, o meio foi estudado de acordo com a influência que possui no cotidiano das pessoas, principalmente em relação à organização do tempo vinculado à grade de programação.

A definição de televisão é, portanto, muito ampla e perpassa diversos aspectos de pré-produção, produção e distribuição de conteúdo, chegando a englobar emissoras comerciais, públicas ou estatais e independentes ou comunitárias. É, portanto, conveniente que, antes de segmentar o estudo em um programa ou gênero específico, se passe pela definição de formato televisivo.

Conforme Machado (2002, p.72), o correto seria tratar de “formas”, no plural, pois, na televisão, o diálogo, por exemplo, “pode assumir as mais variadas modalidades: a entrevista, o debate, a mesa redonda, e até mesmo o monólogo que pressupõe algum tipo de interlocução com um diretor oculto ou com o telespectador”.

Já segundo Souza (2015, p. 46), “o formato de um programa pode apresentar-se de maneira combinada, a fim de reunir elementos de vários gêneros e assim possibilitar o surgimento de outros programas”. E, além disso, “o formato está sempre associado a um gênero, assim como o gênero está diretamente ligado a uma categoria”.

Dessa forma, para o estudo de uma série televisiva, é importante salientar que este produto se populariza num determinado meio de comunicação, que tem suas próprias convenções, categorias e gêneros. Ou seja, uma série de ficção pode ser considerada dentro da categoria de entretenimento ou questões sociais e do gênero dramático.

### **2.3 Análise Narrativa**

Todo ser humano é um ser narrativo. Todo o conhecimento adquirido por gerações e gerações se deu por meio das narrativas.

Vivemos mediante narrações. [...] Nossas vidas são acontecimentos narrativos. O acontecer humano é uma sucessão temporal e causal. Vivemos as nossas relações conosco mesmos e com os outros narrando. Nossa vida é uma teia de narrativas na qual estamos enredados. (MOTTA, 2013, p. 17)

Diante disso, é atrativo entender que o estudo das narrativas pode proporcionar maior entendimento sobre cosmovisões, tradições, valores políticos e dogmas religiosos que existem em nossa sociedade e estão por trás das *tramas* que temos contato. Tramas, que, segundo a definição de Robert McKee (2018, p. 54), se referem à “escolha de eventos do escritor e sua colocação no tempo”.

A narratologia ou teoria da narrativa é um campo de estudos que se dedica a analisar toda a sorte de narrativas factuais ou fictícias. Este campo de estudo, relativamente recente que teve como pensadores principais Roland Barthes, Gérard Genette, Umberto Eco e a Escola Formalista Russa, tem suas bases fundamentadas ainda na Grécia Antiga, através de Aristóteles.

No livro *Poética* (2011), Aristóteles disserta sobre a composição da arte escrita que serviu de base para a estruturação do enredo de peças teatrais como *Iliada* e *Odisseia*. Sinteticamente, o filósofo tratou de conceitos importantes como a definição de três unidades de ação dramática (FIELD, 1995, p. 5), que consistem em tempo, espaço e ação; e a subdivisão dos gêneros narrativos em: Trágico Simples, Trágico Complexo, Cômico Simples e Cômico Complexo. Assim, consoante a McKee (2018, p. 86), ele dividiu “os dramas de acordo com a carga de valor do final” (positiva ou negativa). Além disso, Aristóteles foi responsável pela preliminar definição de narrativas simples e complexas:

Há **narrativas simples e complexas**, até porque as ações imitadas pelas narrativas enquadram-se precisamente nesses tipos. Entendo como **simples** uma ação que é contínua como o definimos e unitária, embora falte à sua transformação peripécia e reconhecimento; **complexa** aquela cuja transformação contém reconhecimento ou peripécia, ou ambos. Esses elementos devem surgir da própria estrutura da narrativa, de modo a se sucederem aos eventos anteriores por necessidade ou por probabilidade, pois há uma grande diferença entre eventos se produzirem por causa de seus antecedentes ou somente depois de seus antecedentes. (ARISTÓTELES, 2011, p. 55, grifo nosso)

Ou seja, numa narrativa simples, ele previa que houvesse apenas uma ação sem muitas reviravoltas ou pontos de virada, como entende-se atualmente. Enquanto que, numa narrativa complexa, o enredo envolveria mais transformações ao longo da estória.

Ao discorrer sobre emoção estética, que sintetiza o poder das estórias de criar epifanias a gosto, McKee (2018, p. 114) lembra ainda que Aristóteles conceituou estória e significado de modo que perguntou “(por que) quando vemos um corpo morto na rua nós

reagimos de uma forma, e quando lemos sobre a morte de Homero ou a vemos no teatro, reagimos de outra? Porque na vida a ideia e a emoção vêm separadamente”. Isto é, enquanto a reação humana às situações é refreada pela capacidade intelectual, na arte, por meio das estórias, é possível unir emoção e significado.

Se tratando de configuração narrativa, existem unidades de ação dramática que organizam a estória. Dentre elas, a mais impactante se chama Ato.

Um ATO é uma série de sequências que culminam em uma cena climática, causando uma grande reversão de valores, mais poderosa em seu impacto do que em qualquer outra cena ou sequência anterior. (MCKEE, 2018, p. 52)

Geralmente, as *estórias* costumam ser estruturadas em três atos principais que são o de apresentação, o de confrontação e o de resolução (FIELD, 1995). O Ato I apresenta o contexto em que se passa a estória, os personagens, a premissa dramática e estabelece as relações entre os personagens. No Ato II, “o personagem principal enfrenta obstáculo após obstáculo, que o impedem de alcançar sua necessidade dramática” (p. 5). No Ato III, ocorre uma solução para as questões levantadas.

Ao longo desses atos, ocorrem eventualidades que modificam os rumos da estória a ser contada. São muitas as formas estruturais propostas para a análise desses pontos narrativos. Alguns exemplos são:

- 1) o *Design da Estória* de Robert McKee, que contém cinco partes: Incidente Incitante, Complicações Progressivas, Crise, Clímax e Resolução;
- 2) o *Save the Cat* de Blake Snyder, que contém oito partes: Imagem de Abertura, Tema Declarado, Catalisador, Quebra para Ato II, Midpoint, Tudo está perdido, Quebra para Ato III e Imagem Final;
- 3) e, o *Paradigma Narrativo* de Syd Field (como será visto na análise do próximo capítulo), que contém cinco partes: Apresentação, Ponto de Virada 1, Confrontação, Ponto de Virada 2 e Resolução.

Seja qual for a forma ou modelo utilizado para a construção ou análise de uma narrativa, é importante observá-la com rigor de acordo com a intencionalidade. McKee (2018) define o conceito de estrutura como: “seleção de eventos da história da vida dos personagens, composta em uma sequência estratégica para estimular emoções específicas, e para expressar um ponto de vista específico” (p. 45).

No que se refere a personagem, Aristóteles (2011), defendeu que existem quatro pontos principais a serem almeçados: o caráter, cujo discurso ou ação revela uma escolha prévia; a conveniência ou coragem; a semelhança; e, a coerência. Para McKee (2018), um personagem deve trazer à estória qualidades de caracterização necessárias para fazer escolhas convincentes.

Existem alguns tipos de personagens no que se refere às suas funções na estrutura narrativa, dos quais trataremos neste trabalho apenas os que são mais relevantes para a análise. Um deles é o protagonista, que geralmente é o que mais aparece na estória, desenvolve as ações e estabelece a *pergunta dramática*<sup>12</sup>. McKee (2018, p. 137-140) lista atributos de um bom protagonista, que são: ser voluntarioso ou ter força de vontade; ter um desejo consciente; ter um desejo inconsciente autocontraditório; ter a capacidade de buscar o objeto de desejo convincentemente e ter uma chance de alcançar o seu desejo.

Existem ainda os personagens coadjuvantes, que auxiliam no objetivo do protagonista contracenando com ele; os secundários, que, apesar de fazerem parte do enredo, podem não contracenar diretamente com o protagonista; e, o antagonista, que desvia ou impede que o protagonista alcance seu objetivo. Vale lembrar que nem sempre há um “personagem antagonista” e, em vez disso, podem existir “forças antagonistas” (obstáculos, dificuldades, ameaças, etc.).

Perante o exposto, há ainda um conceito essencial que pode ser levado como ponto de partida para qualquer análise ou construção narrativa que é dissecar a *ideia governante*, “uma expressão sucinta em termos de ação e personagem” (FIELD, 1995, p. 13) “que pode ser expressa em uma única sentença descrevendo como e por que” (McKee, 2018, p. 118) há alteração de uma situação a outra.

Acerca de narrativas *seriadas*, Machado (2002) expõe como definição a “apresentação descontínua e fragmentada do sintagma televisual” em que as estórias possuem o enredo “estruturado sob a forma de capítulos ou episódios” (p. 83). Para mais, evidencia três tipos de narrativas seriadas que podem ser vistas na televisão (p. 84):

- 1) Primeiro caso: Uma única narrativa (ou várias narrativas entrelaçadas e paralelas) que se sucede(m) mais ou menos linearmente ao longo de todos os capítulos e se resume a um (ou mais) conflito(s) básico(s) que estabelece logo de início um desequilíbrio estrutural, e toda a evolução posterior dos

---

<sup>12</sup> Questão introduzida no início da narrativa que conduz a estória e faz com que o espectador queira assistir até o final para saber a resposta.

acontecimentos consiste num empenho em restabelecer o equilíbrio perdido, objetivo que, em geral, só se atinge nos capítulos finais.

- 2) Segundo caso: Cada emissão é uma história completa e autônoma, com começo, meio e fim, e o que se repete no episódio seguinte são apenas os mesmos personagens principais e uma mesma situação narrativa, em que não há uma ordem de episódios.
- 3) Terceiro caso: A única coisa que se preserva nos vários episódios é o espírito geral das histórias, ou a temática; porém, em cada unidade, não apenas a história é completa e diferente das outras, como diferentes também são os personagens, os atores, os cenários, e, às vezes, até os roteiristas e diretores.

Dada a relevância do *conflito* para o desenrolar de cada estória, destaca-se como definição o choque entre duas forças que se opõem. Ou o embate de valores positivo e negativo que ocasiona uma mudança significativa (McKee, 2018, p. 45-46). Sendo estes valores entendidos como “qualidades universais da experiência humana”, a exemplo de: vivo/morto, liberdade/escravidão, fidelidade/traição, etc.

Destarte, de acordo com o método de análise narrativa proposto por Luiz Gonzaga Motta (2013), no qual, no capítulo 6, oferece *Procedimentos operacionais da análise pragmática*, o estudo das narrativas enquanto objetos e processos pode ser feito em três instâncias expressivas (a serem melhor descritas no próximo capítulo deste trabalho) nas quais não há hierarquia e suas ocorrências se dão de forma superexposta umas às outras: 1) Plano da Expressão - Linguagem ou Discurso; 2) Plano da Estória - Conteúdo; e, 3) Plano da Metanarrativa - Tema de Fundo.

Apesar da lógica robusta apresentada pelo autor, que sintetiza conceitos de demais estudiosos da narratologia perpassando a teoria literária e o cinema, ele adverte que sua proposta não deve ser vista como limitadora pois

Cada análise da comunicação narrativa segue um caminho próprio e individual [...]. Tudo depende de até onde o analista pretende chegar, que aspectos da análise pretende privilegiar, e das ilações sugeridas pelo próprio objeto. (MOTTA, 2013, p. 133-134)

### 3 A SÉRIE “SEGUNDA CHAMADA”

Este capítulo empenha-se na descrição da série *Segunda Chamada* e na análise de dois episódios, cuja metodologia analítica se baseia no modelo proposto por Luiz Gonzaga Motta em seu livro “Análise Crítica da Narrativa” (2013).

#### 3.1 Resumo da Série

*Segunda Chamada* é uma série televisiva produzida pela O2 Filmes para exibição na TV Globo e distribuída pelo Globoplay, baseada na peça teatral “Conselho de Classe” de Jô Bilac. Tem por premissa fundamental a constante tentativa de fazer com que os alunos do ensino público noturno continuem a frequentar as aulas na escola até o fim do ano letivo. Durante as aulas, questões sociais são levantadas remetendo a fatos cotidianos e, empregando uma linguagem de fácil assimilação visando conexão com o público periférico.

O título da série remete ao ato de uma segunda convocação ou a uma repetição de atividades avaliativas dos alunos que, por algum motivo, não puderam ser realizadas ou concluídas num primeiro momento. Essa expressão nos leva a pensar sobre a circunstância de vida dos alunos, que têm por volta de 17 a 70 anos, e que vivenciam conflitos mediados pelo trabalho, pela conjuntura familiar e/ou pela criminalidade e têm uma segunda oportunidade de retomar os estudos no ensino noturno.

O formato da série televisiva se alinha aos demais sucessos da emissora, como *Sob Pressão* e *Carcereiros*, ao prezar por poucos episódios com maior densidade dramática e que envolvem questões sociais. Em sua primeira temporada, a série tem 11 episódios, e, na segunda, 6, tendo todos eles cerca de 40 minutos e tratando-se, em linhas gerais, do cotidiano de alunos, de questões pessoais de professores e do auxílio dos professores na superação de dificuldades. Ademais, o tipo de narrativa seriada, é similar ao primeiro caso citado por Machado (2002), em que se expõe uma longa narrativa complexa com várias outras entrelaçadas desencadeadas por um conflito inicial de modo em que apenas nos episódios finais atinge-se o objetivo do protagonista.

A primeira temporada da série apresenta o cotidiano dos professores de uma escola pública e centra-se em Lúcia, uma professora de Língua Portuguesa que esteve afastada, devido a problemas envolvendo o ambiente de trabalho e a família. Ela retorna para seu cargo comprometida a não somente lecionar as aulas mas também prestar apoio maternal aos seus alunos.

A segunda temporada pauta-se na questão da baixa no número de alunos matriculados, que compromete o funcionamento do ensino noturno na escola. Apesar do surgimento de novos alunos empenhados em retomar os estudos, não há quórum suficiente para a realização das atividades, o que faz com que os professores convoquem mais pessoas incluindo as que estão em situação de rua.

Os personagens principais se subdividem em dois grupos:

- a) **de professores:** composto por Jaci, o diretor burocrata da escola, Lúcia, amável professora de Língua Portuguesa, Eliete, a cômica professora de Matemática, Marco André, o novato professor de Artes e Sônia, professora de História que é vítima de violência doméstica;
- b) **de alunos:**
  - i) primeira temporada: composto principalmente por Natasha, travesti que luta cotidianamente para ser aceita, Maicon Douglas, que é pai adolescente e tem uma longa jornada diária que mescla trabalho e estudos, Rita, uma jovem que é mãe, Jurema, uma senhora que foi impedida de estudar para cuidar de filhos e netos, Gislaine, que adquire o sustento familiar por meio da prostituição, o casal de evangélicos Pedro e Márcia e os refugiados venezuelanos Javier e Alejandra.
  - ii) segunda temporada: composto por Gilsinho, idoso com princípio de Alzheimer que sonha em concluir os estudos, Hélio, morador e líder de pessoas em situação de rua, Anuíá, indígena que é vendedor ambulante, Wander, segurança de shopping com traços conservadores, Maria Expedita, mãe de ex-alunos da escola, dentre outros.

Contudo, a participação mais predominante ao longo dos episódios é a dos professores.

O cenário é uma escola fictícia denominada “Escola Estadual Carolina Maria de Jesus”, situada na periferia de São Paulo, cujo nome que a intitula remete à escritora negra conhecida por seu livro “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” e, no episódio piloto, este título se torna o mote para a aula de Lúcia, ao tratar sobre as dificuldades desencadeadas pelo preconceito e em como a educação deve ser aplicada na diminuição das diferenças.

Por se empenhar num formato para o público televisivo, a série tende a uma linguagem acessível, no sentido de se comunicar com diferentes idades e recortes sociais. Sendo exibida na grade de programação da Globo no período noturno, após as 22h, supõe-se que o público alvo é adulto. E por “acessibilidade”, subentende-se que faz-se uso de diálogos expositivos e expressões habituais<sup>13</sup>.

A autoria da série é de Carla Faour, ex-atriz e dramaturga que iniciou sua carreira como autora ao adaptar obras literárias para o teatro e escreveu episódios para as séries *Vai que Cola* e *Amor Veríssimo*. A co-autora Julia Spadaccini, já escreveu inúmeras peças teatrais, a série *Oscar Freire 279* e os programas *Aprender a Empreender*, *Básico* e *Quase Anônimos*. A equipe ainda é composta pela produtora Isabela Bellenzani e pelos roteiristas: Giovana Moraes, Máira Motta, Victor Atherino, Dino Cantelli e Marco Borges.

### 3.2 Análise Pragmática dos Episódios

Neste estudo, optou-se por utilizar cada plano ou instância trazida na metodologia do autor como categorias para a análise, expondo os conceitos seguidos pela aplicação analítica dos episódios.

#### 3.2.1 Plano da Expressão (linguagem ou discurso)

É o “discursivo propriamente dito ou do modo como o narrador dá a conhecer ao leitor a realidade que quer evocar, que vai plasmar a história” (MOTTA, 2013, p. 136). É nele que se expõe a linguagem, o texto, os recursos sonoros e visuais, os enquadramentos (close, plano aberto, detalhe, etc.).

Ambos episódios a serem analisados fazem parte de uma série televisiva, e é portanto, prolífero que os recursos audiovisuais (visuais e sonoros) sejam empregados para construir significados.

No episódio piloto da *primeira temporada* de *Segunda Chamada*, a sequência de imagens iniciais, junto a fala em *off* da protagonista, corrobora para a percepção de escola como um ambiente de ensino e aprendizado, que é também marcado por decadências estruturais evidentes. Como indicam as imagens a seguir, os cenários produzidos para a ambientação dão a conhecer a realidade na qual ocorrem as ações.

**Imagem 2** - Imagem esfumada de uma sala de aula com carteiras, estante de livros e uma janela quebrada

---

<sup>13</sup> Como será visto na análise a seguir nas descrições das aulas ministradas por Eliete e Lúcia.



Fonte: Globoplay, 2019

**Imagem 3** - Imagem esfumada de uma janela quebrada



Fonte: Globoplay, 2019

**Imagem 4** - Imagem de teto com infiltração



Fonte: Globoplay, 2019

Ainda neste episódio, na sequência, com planos das favelas de São Paulo e também do transporte público, tem-se por trilha sonora a música *AmarElo* de Emicida, que remete à situação de vulnerabilidade social que muitas vezes se manifesta nesses locais. O trecho da canção a seguir, por exemplo, que se passa enquanto surgem imagens de personagens com *subempregos*<sup>14</sup> (entregador de comida, cobradora de ônibus e vendedora ambulante), expõe claramente a intenção discursiva de relacionar seus cotidianos ao “perfil” da escola.

Eu sonho mais alto que drones  
Combustível do meu tipo? A fome  
Pra arregaçar como um ciclone (entendeu?)  
Pra que amanhã não seja só um ontem com um novo nome  
(EMICIDA, 2019)

Ou seja, todas as características mostradas de início remontam aos aspectos conceituais periféricos tratados no capítulo anterior. Dentre os itens do “checklist da periferia”(Quadro 1, p. 26), inclusive, há um que consiste em “para realizar minhas atividades cotidianas, eu preciso do transporte público”.

Num plano subsequente, já dentro do ambiente escolar, vê-se mais um indicativo do que se pode considerar parte do pensamento do narrador da série exposto num cartaz sobre a educação.

**Imagem 5** - Cartaz da escola que diz: “Educação não é gasto é investimento”

<sup>14</sup> Segundo o *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, o termo é designado para se referir a emprego de uma parte apenas da mão-de-obra disponível; não qualificado, sem vínculo ou garantia, de carácter informal ou temporário, geralmente de remuneração muito baixa.



Fonte: Globoplay, 2019

O plano de expressão é também manifesto nos objetos cênicos que dizem respeito à direção de arte do episódio. Como no exemplo a seguir, em que é apresentado o personagem Jaci, diretor da escola, num plano médio centralizado em meio a pilhas de papéis em armários ao redor, o que evidencia sua constante ocupação e seu retrato burocrático.

**Imagem 6** - Jaci na sala de direção da escola



Fonte: Globoplay, 2019

No mesmo episódio, em termos de diálogo de personagem, torna-se nítida a intenção discursiva de mostrar que o ensino noturno tende a se aproximar da linguagem dos alunos no momento em que, durante uma aula de matemática, a professora Eliete explica o conteúdo sobre divisão ao falar sobre o salário mínimo, que muitos da classe poderão receber. Ela os pede para dividir o valor por 30 e, logo após, diz: "Se vocês não forem Jesus Cristo para fazerem o milagre da multiplicação, vão ter que se virar com 33 reais e 26 centavos por dia". Com essa aproximação, que considera a necessidade dos alunos para a realização de um cálculo matemático, a cena consegue ponderar a visão de Paulo Freire sobre a relação educador-educando conduzindo o espectador a um vínculo diferente entre professor e aluno. A continuação da cena (como vista no próximo subcapítulo) corrobora ainda mais nesse sentido.

Ainda no âmbito das falas, o episódio é marcado por questionamentos às entidades responsáveis pela educação, como no momento em que, ao ocorrer um equívoco de contratação de professor na escola, pois esperava-se um de Biologia e foi enviado um de Artes, o personagem Jaci diz que Artes não está na lista de prioridades e é confrontado por Lúcia, que defende a disciplina e o convence a manter o novo colega. Logo, há implicação clara quanto ao ensino de artes ser tratado em segundo plano que irá se perpetuar ao longo da série.

Em termos de enquadramento, o episódio traz planos bastante elucidativos, que ampliam a percepção para além do que enfrentam os personagens e dialogam com questões a nível social. É o caso da cena em plano médio no qual a personagem trans Natasha, que está ao centro, se vê no dilema de escolher qual banheiro usar.

**Imagem 7** - Natasha entre os banheiros masculino e feminino



Fonte: Globoplay, 2019

E, também, do plano americano em que aparecem Sônia, professora de História que sofre pelo cansaço do lar e do trabalho, e Marco André, que vive distante da realidade em que está passando a conhecer, diante de um muro com uma frase grafitada “Enquanto houver repressão, haverá resistência” e furos de bala.

**Imagem 8** - Sônia e Marco André diante de muro grafitado “Enquanto houver repressão, haverá resistência”



Fonte: Globoplay, 2019

Ao analisar o plano de expressão no primeiro episódio da *segunda temporada*, vê-se ainda nos segundos principiantes, planos fechados com o reflexo de Lúcia em meio aos prédios de São Paulo e, bem como no episódio analisado anteriormente, há uma fala em *off* na

qual a personagem defende sua profissão como algo que não é o que ela faz, mas o que ela é. Assim, ela evoca confiança para o início de mais um ano letivo.

**Imagem 9** - Lúcia diante de prédios de São Paulo

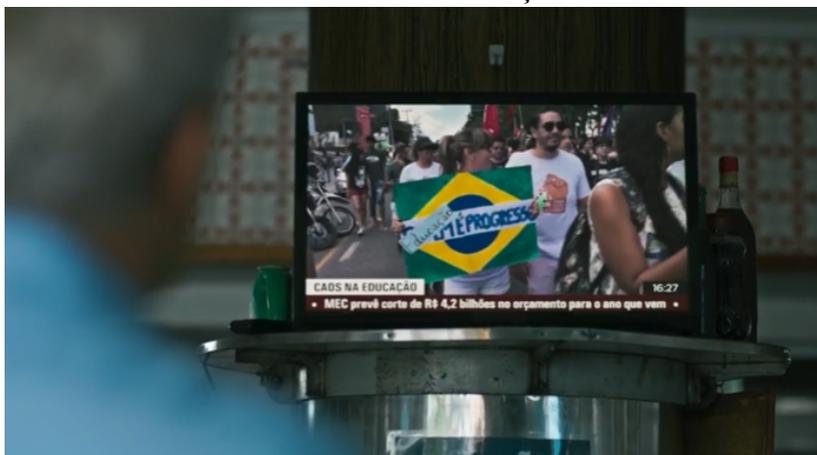


Fonte: Globoplay, 2021

Semelhante ao episódio da primeira temporada, o da segunda, traz imagens dos personagens principais em seus cotidianos e apresenta como recurso sonoro uma canção elucidativa, intitulada *Nada será como antes* de Beto Guedes e Milton Nascimento.

Neste episódio, cuja ambientação já é conhecida, as falas enunciam fatos importantes antes mesmo da completude do segundo minuto. Um jornal na TV a qual Jaci está assistindo anuncia um corte de 30 por cento nas verbas para a educação, o que prenuncia um novo desafio para a escola que o personagem dirige.

**Imagem 10** - Jaci assiste a notícia sobre corte na educação na TV



Fonte: Globoplay, 2021

Em termos de enquadramento, um plano interessante é o que se mostra por volta de 2 minutos e 47 segundos, no qual, em segundo plano, Lúcia vê, da janela do ônibus, pessoas em situação de rua segurando livros enquanto se ouve a frase “de ver gente, divergente rompendo as correntes” da canção de Guedes e Nascimento. Sendo este ponto importante no sentido discursivo por evocar um olhar mais atento à diversidade dos que se encontram no mesmo espaço e pouco são vistos. O trecho remete igualmente à interpretação de Darcy Ribeiro (2018), mencionada no subcapítulo anterior, quanto à sequela escravista atrelada à urbanização caótica no sentido de mostrar o resultado desse processo.

**Imagem 11** - Lúcia observa pessoas em situação de rua com livros



Fonte: Globoplay, 2021

De semelhante modo, é o que a mesma personagem observa o número de alunos sentados nas carteiras em sua sala de aula e, indiretamente, propõe-se um paralelo das duas situações.

**Imagem 12** - Lúcia observa alunos em carteiras da sala de aula

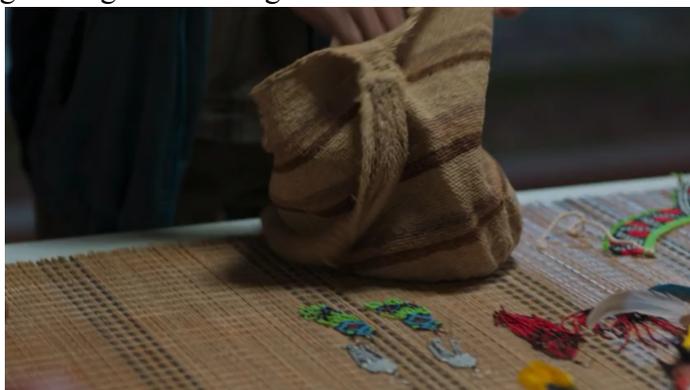


Fonte: Globoplay, 2021

A enunciação de fatos da realidade evidencia-se similarmente no momento em que há exposição do conflito da temporada pela fala do personagem Jaci ao dizer “a gente não conseguiu o número mínimo de matrículas para o curso noturno funcionar” e, na continuação, com a fala do personagem Marco André que diz “Essa conta aí não fecha. Mais da metade da população não tem o ensino médio completo. 70 milhões de brasileiros podiam voltar a estudar”.

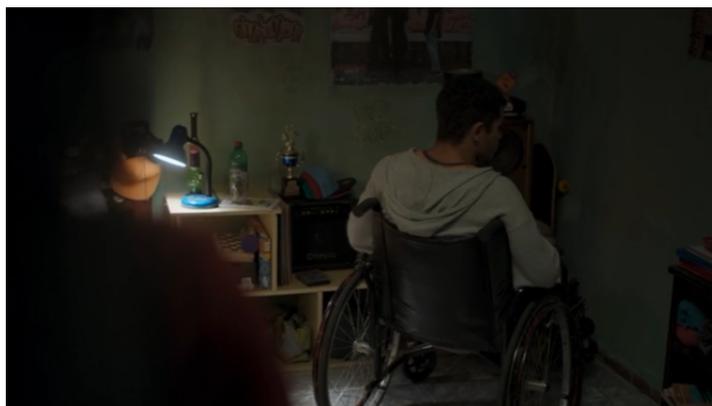
A instância expressiva se dá, inclusive, por meio de objetos cênicos representativos de alguns personagens como: as miçangas indígenas que o estudante Anuíá leva à escola e a cadeira de rodas de Wallace, que até o instante não havia apresentado motivo para a desistência das aulas.

**Imagem 13** -Miçangas indígenas sendo guardadas numa sacola



Fonte: Globoplay, 2021

**Imagem 14** - Wallace numa cadeira de rodas



Fonte: Globoplay, 2021

Ambos dispositivos são postos de maneira precisa objetivando apresentá-los de modo a driblar com a indiferença a ser superada a partir da sala de aula.

A primeira instância sugerida por Luiz Motta (2013) é, portanto, aplicável aos episódios analisados de modo em que é possível encontrar por meio de texto, recursos sonoros e visuais e enquadramentos a intenção discursiva do narrador em expor a educação periférica no recorte do ensino público noturno e “colocar uma lupa” sobre situações cotidianas que os alunos enfrentam e que podem ser tratadas na escola.

### 3.2.2 Plano da Estória (conteúdo)

Esta instância tem foco na sequência de ações, encadeamento de fatos, apresentação de protagonista e coadjuvantes, exposição do conflito principal e secundários, além da identificação dos pontos de virada. É onde se encontra

o plano virtual da significação, em que uma realidade referente é evocada pelo texto narrativo por meio de sequências de ações cronológicas e causais desempenhadas por personagens estruturando uma intriga (enredo ou trama) [...] a disposição dos fatos em síntese para representar a vida e as ações humanas (MOTTA, 2013. p. 137).

Nesse sentido, o plano da estória prestigia a estrutura pela qual uma narrativa é exposta e favorece a atenção na *diegese*<sup>15</sup> no uso das cenas, sequências, *flashbacks*<sup>16</sup>,

<sup>15</sup> Segundo o *E-Dicionário de Termos Literários* de Carlos Ceia (2009), o termo de origem grega é divulgado pelos estruturalistas franceses para designar o conjunto de ações que formam uma história narrada, segundo certos princípios cronológicos.

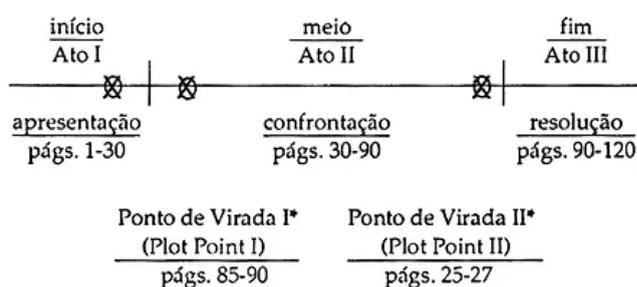
<sup>16</sup> O termo é referente à interrupção de um acontecimento presente por eventos que ocorreram no passado.

*flashforwards*<sup>17</sup> e *foreshadowing*<sup>18</sup> além da caracterização dos personagens e seus conflitos. Em outras palavras, é nesse plano que se concentra o estudo dos elementos que configuram a estrutura.

Segundo Robert McKee (2018), a função da estrutura é “criar pressões progressivamente construídas que forcem o personagem a enfrentar dilemas cada vez mais difíceis, fazendo escolhas de risco e tomando atitudes cada vez mais difíceis, gradualmente revelando sua verdadeira natureza, até mesmo chegando ao seu eu inconsciente ( p. 110).

Desse modo, é imprescindível que a análise dos episódios passe por conceitos pré-estabelecidos por outros autores que, tanto citados por Motta quanto referenciados durante este trabalho. Ao referir-se a Syd Field, por exemplo, com a proposta de *paradigma narrativo*, o autor sugere o modelo de sequência quinária como possível de ser aplicado em análises.

**Gráfico 2** - Paradigma Narrativo de Syd Field (2001, p. 97)<sup>19</sup>



Fonte: Tertúlia Narrativa, 2018.

Além de apontar os três Atos, o paradigma de Field também destaca dois pontos de virada. Segundo a definição de Ponto de Virada expressa por ele (2001, p.97), este “é um incidente, ou evento, que “engancha” na ação e a reverte noutra direção”.. No decorrer da estória podem existir dezenas de *micro* pontos de virada, mas para o propósito analítico, o

<sup>17</sup> O termo é referente à interrupção de uma sequência de eventos do presente por um acontecimento de um momento futuro.

<sup>18</sup> O termo é referente a um artifício colocado em eventos da estória e que dão indicações sobre o que poderá vir a ocorrer.

<sup>19</sup> O Paradigma Narrativo de Syd Field é um modelo para estruturação de roteiros de longa-metragem que correspondem em média a 2h de duração. Neste trabalho, o modelo foi adaptado a cada episódio de 40 minutos.

que se pode considerar o primeiro é o que fecha o Ato I e, o segundo, o que fecha o Ato II da narrativa.

Tomando o episódio da *primeira temporada* de Segunda Chamada, pode-se dizer que a Apresentação ocorre entre a minutagem 00:09 e 10:12 em que, ao longo deste tempo, são dados a conhecer os personagens principais da estória, o ambiente em que estão e o modo como agem e se relacionam. Nesta apresentação, que também pode ser entendida como a introdução da estória, tem-se o primeiro contato com Lúcia, que fala a respeito da escola, de sua profissão e indica que algo aconteceu para que à altura de seu discurso ela tenha pausado sua função de professora e está decidida a retornar. Neste breve momento, é verossímil crer que ela é a personagem que guia a narrativa, portanto a protagonista, pois estabelece a primeira pergunta dramática do episódio e também da temporada: o que aconteceu para que uma professora que ama sua profissão a tenha pausado?.

Ainda neste ponto, é apresentada uma sequência de cenas com três personagens fundamentais no episódio: Maicon Douglas, entregador de comida pelas ruas de São Paulo; Rita, vendedora ambulante no metrô carregando uma bebê no colo; e Natasha, uma cobradora trans de ônibus. A sequência se encerra com a professora indo atrás de um aluno garoto de programa para tentar persuadi-lo a ir para a aula, o que expressa um traço da personalidade dela ao se preocupar com os alunos até mesmo fora de seu local de trabalho.

**Imagem 15** - Lúcia tenta convencer Victor a ir para a escola



Fonte: Globoplay, 2019

Em contraponto, dá-se também a apresentação de Marco André, bem como indicado no plano a seguir, reconhece pela primeira vez o espaço em que se achega, demonstrando sua inexperiência pelo olhar atento.

**Imagem 16** - Marco André chega à escola pela primeira vez



Fonte: Globoplay, 2019

O espaço da escola é introduzido ao mostrar a entrada de Lúcia no local com o letreiro Escola Estadual Carolina Maria de Jesus. O instante de sua chegada expõe os alunos que estão presentes e que farão parte da temporada da série, como: o casal de evangélicos Pedro e Márcia; o estudante bem articulado Wallace; Natasha, que leva uma bolada agressiva e é chamada de Robson; e Rita, que continua com sua bebê nos braços.

**Imagem 17** - Lúcia entra na escola com o letreiro Escola Estadual Carolina Maria de Jesus



Fonte: Globoplay, 2019

**Imagem 18** - Natasha reage à bolada após ser chamada de Robson



Fonte: Globoplay, 2019

**Imagem 19** - Rita sentada na escola com criança no colo



Fonte: Globoplay, 2019

No banheiro masculino da escola, que Natasha também frequenta, Maicon Douglas tira um cochilo próximo à hora de sua aula e logo é acordado pela colega. Este é um indicativo interessante que implica na demonstração de como o desempenho do aluno é afetado devido ao seu trabalho ou subemprego, que, apesar de lhe garantir o sustento, prejudica a qualidade de vida.

**Imagem 20** - Maicon Douglas cochila no banheiro masculino



Fonte: Globoplay, 2019

Instantes depois, na sala de direção, Lúcia fala com Jaci sobre a insistência dela na educação dos alunos mesmo após ele dizer que “evasão de aluno no ensino noturno é normal” até a discussão culminar no envolvimento mais íntimo entre os dois. Tal ligação exprime que ambos representam o equilíbrio na escola: enquanto Lúcia está disposta a ir além de sua função, Jaci se limita a cumprir o protocolo rigidamente. Outrossim, essa aproximação transparece outro traço da personalidade de Lúcia, que submete até mesmo sua intimidade ao seu ambiente de trabalho.

**Imagem 21** - Lúcia e Jaci se beijam na sala da direção



Fonte: Globoplay, 2019

Nas imagens subsequentes, ainda no âmbito da apresentação, o episódio expõe as professoras Sônia e Eliete além de divulgar aos alunos o novo professor, Marco André, equivocadamente como ministrante de Biologia.

Considerando o episódio em questão, é possível dizer que o Ponto de Virada 1 ocorre quando, na aula de matemática (já mencionada no Plano de Expressão, p. 38), Rita não

consegue conter o choro de seu bebê e acaba por atrapalhar a exposição fazendo com que a própria professora intervenha na situação temporariamente.

**Imagem 22** - Eliete dialoga com Rita sobre o cuidado de seu bebê



Fonte: Globoplay, 2019

Em seguida, pode-se dar início ao Ato II, com a ação de Lúcia ao tentar convencer Jaci a manter Marco Antônio na escola mesmo para a ministração de uma disciplina que não foi solicitada. Neste ato, em consonância com o paradigma, dá-se a conhecer por Confrontação, as situações dos personagens passam a se tornar mais difíceis e arriscadas, como é o caso de Maicon Douglas que dorme durante uma prova e fica prestes a ser expulso de sala de aula; de Marco André, que tem seu carro roubado na porta da escola e se vê impedido de deixá-la; de Rita, que para superar a fome da filha, arrisca-se a roubar a cantina; e ainda, de Natasha, que é barrada ao tentar usar o banheiro feminino.

**Imagem 23** - Rita tensa próximo à cantina da escola



Fonte: Globoplay, 2019

**Imagem 24** - Natasha discute com Jurema na porta do banheiro feminino



Fonte: Globoplay, 2019

Todas essas circunstâncias demonstram a intenção do narrador de explicar como as questões pessoais dos alunos e dos professores são emergentes no ambiente escolar e vão além da sala de aula. Bem como o contexto periférico traz consigo suas próprias batalhas.

Considerando o mesmo episódio, por volta dos 27 minutos de duração, pode-se conceituar que ocorre o Ponto de Virada 2 quando Lúcia ministra uma aula sobre a escritora Carolina Maria de Jesus, que dá nome à escola, e faz com que seus alunos reflitam a respeito da condição de vulnerabilidade pela qual a autora, catadora de papel residente na então Favela do Canindé, teve que passar principalmente em situações de preconceito. Na ocasião, a professora chega a falar que “essa escola pode ser a nossa segunda chance”, o que sensibiliza seus alunos a entenderem a conjuntura a qual Natasha está inserida. Nesse momento, bem como na cena da aula de matemática ministrada por Eliete (pág. 38, 49), reitera a capacidade de ultrapassagem da mera relação *narradora* (FREIRE, 2022) por se tratar de conteúdo com propósito de se conectar com as substancialidades dos alunos.

**Imagem 25** - Lúcia ministra aula sobre Carolina Maria de Jesus



Fonte: Globoplay, 2019

**Imagem 26** - Jurema fica sensibilizada com a aula sobre Carolina Maria de Jesus



Fonte: Globoplay, 2019

O início do Ato III, que se refere à Resolução do episódio, oferece proposições a grande parte das situações dramáticas, deixando, contudo, *ganchos* de modo a prender a atenção do espectador aos demais episódios, como, por exemplo, a irresoluta busca pelo contato de Rita, que abandona a filha na escola.

**Imagem 27** - Lúcia e Jaci se preocupam com o que fazer com a criança



Fonte: Globoplay, 2019

Além disso, a Resolução do Ato também expõe um *flashback* de Lúcia que, ao segurar a filha de Rita, recorda-se de uma sequência de imagens com uma criança, uma briga escolar e a conversa que teve com a psicóloga, que resultou no discurso do início do episódio.

**Imagem 28** - Flashback de Lúcia ao brigar com aluno na escola



Fonte: Globoplay, 2019

Substanciando o Plano da Estória, analisado no piloto da série, é possível sintetizar, a partir do que foi descrito, os seguintes elementos estruturais:

**Quadro 2** - Segunda Chamada 1x1 - identificação de personagens e conflitos

Protagonista	professora Lúcia
--------------	------------------

Coadjuvantes	professores Jaci, Eliete, Sônia e Marco André
Secundários <sup>20</sup>	alunos Natasha, Rita e Maicon Douglas
Objetivo da Protagonista	Fazer com que os alunos frequentem as aulas e concluam seus estudos
Conflito Principal	questões pessoais x ambiente profissional
Conflitos Secundários	evasão escolar x conclusão do ensino médio identidade trans x uso do banheiro maternidade precoce x falta de rede de apoio subemprego diurno x aula noturna cansaço e responsabilidades x disposição e responsabilidades

Fonte: Elaborado pela autora

Aplicando-se o paradigma narrativo para a análise desta instância no episódio da *segunda temporada*, diz-se que a Apresentação do Ato I é semelhante à anterior no sentido da protagonista abrir o episódio com um discurso sobre a profissão dela. Uma significativa transformação do episódio anterior, é que o questionamento de Lúcia sobre a dualidade pessoal x profissional se mostra como resoluta pois ela afirma que “quando se é professora, é dentro da escola que a nossa vida acontece”. O que, conseqüentemente, certifica que seu compromisso com o trabalho não se difere de sua vida pessoal.

Nas sequências que subsidiam o Ato, estendido por volta de 14 minutos de duração, apresentam-se os demais personagens e as condições pelas quais estão passando diante da nova realidade da escola. Vê-se imagens de Jaci e dos novos alunos do período noturno que são também responsáveis pelas tramas do episódio: Gilsinho, idoso que compra um óculos de grau; Anuiá, indígena que vende arte pelas ruas de São Paulo e Maria Expedita, mãe de ex-alunos da escola que aparenta ânimo ao vestir o uniforme.

Além disso, em um dos planos (vide Imagem 11, p. 42), Lúcia observa pela janela do ônibus pessoas em situação de rua lendo livros, sendo este um *foreshadowing* para a resolução do episódio.

<sup>20</sup> Importante salientar que no episódio em questão suas tramas adquirem maior exposição

**Imagem 29** - Maria Expedita prova uniforme da escola



Fonte: Globoplay, 2021

Ainda nesta apresentação, há diferença na relação entre Jaci e Eliete, que transparece mais intimidade com um beijo dos dois pouco antes de entrar na escola enquanto que Lúcia, destaca-se pelo fechamento de seu discurso em off: “educar não é sobre vencer, é sobre resistir, é sobre acreditar que as coisas podem mudar”, bastante sugestivo para a temporada que se sucede.

**Imagem 30** - Entrada de Lúcia na Escola Estadual Carolina Maria de Jesus



Fonte: Globoplay, 2021

Em sucessão, Jaci questiona um servidor da escola sobre o número escasso de alunos na lista de chamada, que também é reforçado pela preocupação de Lúcia ao perceber o local vago.

**Imagem 31** - Jaci questiona o número escasso de alunos na lista de chamada



Fonte: Globoplay, 2021

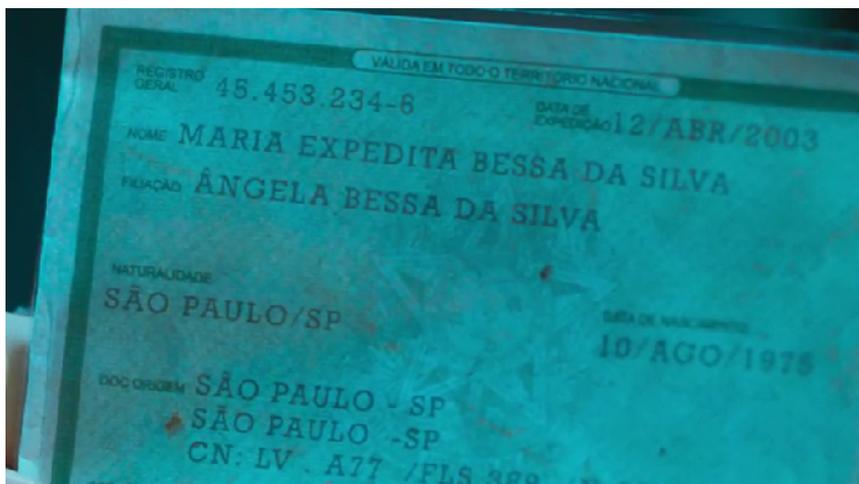
**Imagem 32** - Lúcia questiona servidor sobre o vazio da escola



Fonte: Globoplay, 2021

Ao caminhar para a conclusão do Ato I, durante a introdução dos novos alunos à aula de Artes, o professor Marco André se depara com Maria Expedita e surge, em *flashback*, uma sucessão de imagens de um aluno sendo hospitalizado e da conferência de identidade da mãe biológica dele. Enquanto isso, na aula de História, Anuíá sofre estranhamento por falar sobre sua origem indígena. E, ainda, Gilsinho parece repetitivo ao tentar se assegurar de que está na aula de Matemática.

**Imagem 33** - Flashback com identidade da mãe biológica de Marco André



Fonte: Globoplay, 2021

A quebra do Ato se dá com a conversa tida entre Jaci e um representante da Secretaria sobre a escassez de alunos, evidencia-se aqui o Ponto de Virada 1, com a indignação de Lúcia frente a desistência de seu aluno Wallace.

**Imagem 34** - Lúcia se indigna ao saber da desistência de Wallace



Fonte: Globoplay, 2021

No Ato II, a Confrontação, os professores são alertados sobre a não correspondência do número mínimo de alunos para que funcione o ensino noturno e os riscos que a falta de matrículas pode acarretar a todos, surgindo, então a pergunta dramática da temporada: o ensino noturno conseguirá matrículas suficientes para continuar existindo?

Nesta etapa, ocorrem desentendimentos entre alunos quanto à identidade de Anuíá, o desbravamento de Lúcia em busca da motivação da desistência de Wallace e uma discussão envolvendo Gilsinho na disputa por uma carteira.

**Imagem 35** - Anuíá recolhe miçangas que foram jogadas do chão da escola



Fonte: Globoplay, 2021

**Imagem 36** - Lúcia vai em busca de Wallace



Fonte: Globoplay, 2021

### Imagem 37 - Gilsinho discute por uma carteira



Fonte: Globoplay, 2021

Neste Ato, Lúcia descobre que Wallace se tornou uma pessoa que anda em cadeira de rodas (Imagem 14, p.42) e percebe que a necessidade financeira dele dificulta a ida às aulas. Necessidade que se intensifica ao se cogitar sobre mobilidade urbana, tão ineficaz para pedestres quanto para cadeirantes no espaço periférico, como já citado em capítulos anteriores.

A solução para a discussão dos alunos sobre Anuiá apresenta-se durante a aula ministrada por Sônia acerca da origem dos povos e do pertencimento aonde quer que estejam. Tendo em vista a perspectiva de Darcy Ribeiro (2018) sobre o estado da educação, é pertinente citar que:

Na verdade, toda sociedade tem seu sistema educacional, transmissor de sua cultura. O que faz dos homens homens, o que humaniza o bicho humanoide é o domínio de uma língua e de uma cultura que se transmitem de alguma forma. Nossos índios, por exemplo, têm seus sistemas educacionais muito melhores que o nosso. Aos 14 anos um índio está completamente formado em índio. Tem perfeito domínio de sua cultura. Vai aprender muito mais ao longo de sua vida, tendo já o essencial, que é o domínio da língua, que lhe permite comunicar-se e adquirir uma compreensão geral da natureza das coisas. Além da capacidade de produzir o que consome e de reproduzir todos os bens de sua sociedade. (p. 29)

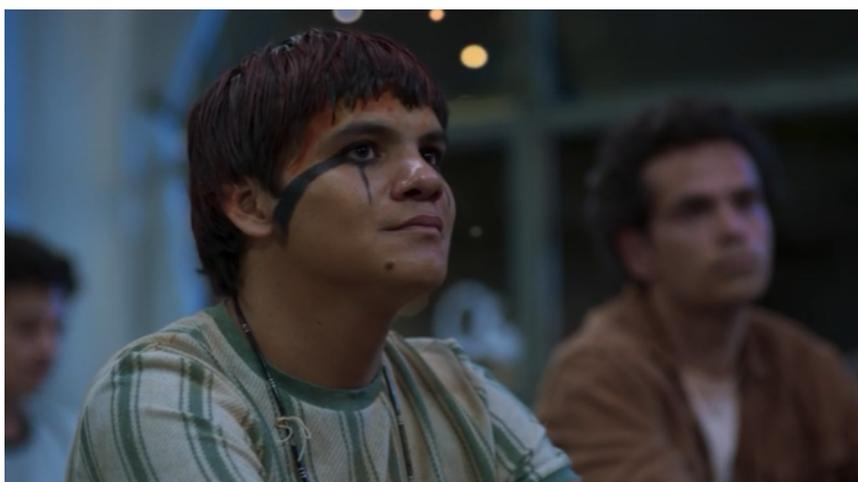
Assim, por meio da experiência individual compartilhada pelo estudante indígena, pode-se notar uma conexão entre as histórias que dizem respeito ao reconhecimento das identidades de todos os alunos e da professora. Sendo este mais um exemplo de horizontalidade da relação professor-aluno.

**Imagem 38** - Sônia ministra aula sobre a origem dos povos



Fonte: Globoplay, 2021

**Imagem 39** - Anuíá assiste aula de Sônia



Fonte: Globoplay, 2021

O Ponto de Virada 2 apresenta-se com a revelação de que Gilsinho sofre de Alzheimer. Logo, a condição dele oferece risco ao seu aprendizado mas, pela vontade da turma, a frequência às aulas está assegurada.

**Imagem 40** - Gilsinho revela que tem Alzheimer



Fonte: Globoplay, 2021

No encaminhamento para o Ato III, de Resolução, vê-se a latente questão pessoal de Marco André pela aproximação involuntária com a mãe biológica dele e a aparente intimidade do professor com Sônia, ao se beijarem.

**Imagem 41** - Marco André se aproxima de Maria Expedita



Fonte: Globoplay, 2021

Nessa resolução, soma-se o convite de Lúcia a pessoas em situação de rua para o retorno aos estudos.

**Imagem 42** - Lúcia convida pessoas em situação de rua a frequentarem a escola



Fonte: Globoplay, 2021

Tomando por base a tabela estruturada na análise do episódio da primeira temporada para sintetizar o Plano da Estória, as correlações do paradigma com o episódio da segunda temporada possibilitam a seguinte identificação :

**Quadro 3** - Segunda Chamada 2x1 - identificação de personagens e conflitos

Protagonista	professora Lúcia
Coadjuvantes	professores Jaci, Eliete, Sônia e Marco André
Secundários	alunos Gilsinho, Anuiá, Maria Expedita, Wallace e pessoas em situação de rua
Objetivo da Protagonista	Fazer com que os alunos frequentem as aulas e concluam seus estudos
Conflito Principal	baixa no número de alunos x funcionamento da escola
Conflitos Secundários	questões pessoais x ambiente profissional evasão escolar x conclusão do ensino médio origem indígena x repulsão dos colegas perda de memória x aquisição de conhecimento dificuldade de locomoção x motivação para estudo contar que é filho da aluna x fingir desconhecer a mãe

Fonte: Elaborado pela autora

A segunda instância sugerida por Luiz Motta (2013) é, por conseguinte, aplicável aos episódios analisados de modo que usufruindo-se de um modelo analítico, como foi o caso do

paradigma narrativo, é possível descrever sequências de ações, pontos principais da narrativa, personagens e suas funções, além de assimilar os conflitos que desencadeiam as tramas.

### 3.2.3 Plano da Metanarrativa (tema de fundo)

Aqui se configuram os temas ou motivos de fundo ético ou moral. Este plano é enfático em análises cuja mitologia é mais proeminente, como na teoria da “Jornada do Herói” ou “monomito” de Joseph Campbell (1989), na qual um protagonista deve percorrer um trajeto em busca de um ideal. Neste ponto, o plano das metanarrativas também ressalta o conflito da estória.

Os conflitos que aí se manifestam são de ordem ética, moral ou filosófica, ainda que também possam ter aspectos políticos, religiosos ou ideológicos. É o pano de fundo, a fábula ou mito sobre o qual se desenvolve grande parte das estórias que narramos. (MOTTA, 2013, p. 171)

Considerando o episódio da *primeira temporada*, na qual Lúcia é a protagonista, tem-se por premissa fundamental a relação da escola com sua vida pessoal. A personagem apresenta-se como uma professora dedicada ao trabalho que nem sequer sabe se desvincular dele em seus contra-turnos. Isso se evidencia, dentre tantas ocasiões, numa das cenas de Apresentação, em que a mesma vai em busca de um aluno no meio da rua (Imagem 15, p. 45) e em outra cena em que ela se envolve intimamente com um colega de trabalho (Imagem 21, p. 48).

Ainda na pergunta dramática, que foi elaborada no Plano da Estória (“o que aconteceu para que uma professora que ama sua profissão a tenha pausado?”), tem-se embutido um questionamento ético que diz respeito à limitação da função dela. Pressupõe-se, portanto, que a jornada a qual a protagonista deve passar ao longo da temporada tange à sua busca por esse limite, a provação da capacidade de equilíbrio em sua função, e, sobretudo, em seu objetivo de atrair alunos à conclusão do ensino médio.

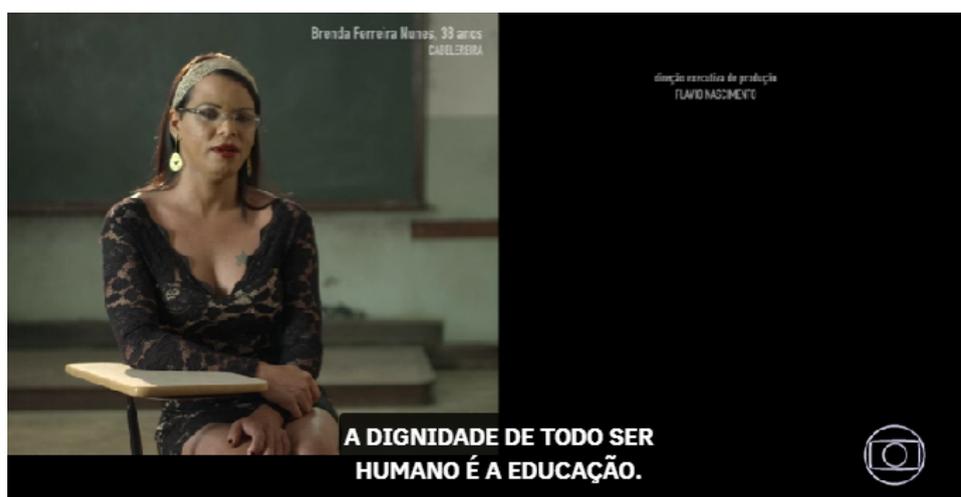
Há ainda considerações a fazer sobre os personagens postos como coadjuvantes, que auxiliam a heroína em seu objetivo, por serem também professores. No episódio em questão, cada um deles se debruça sobre as questões de seus alunos e colabora para que estas venham a ter soluções mas, não obstante, a narrativa não se empenha em mostrá-los apenas como detentores de conhecimento mas também como seres com fragilidades e emoções que os aproximam dos educandos, revertendo assim a relação *narradora* assimilada por Freire (2022).

O tema está disposto em vários momentos de fala dos personagens. Como demonstrado na análise do Plano da Estória, o personagem Jaci chega a citar a normalidade da *evasão escolar no ensino noturno* (pág. 47).

A julgar pelo conflito principal e sua conexão com os secundários (vide Quadro 2, p. 53), as questões pessoais de professores e alunos engendram no ambiente escolar de modo que o abandono às aulas torna-se banalizado e esta é uma questão pela qual a protagonista apresenta inconformismo.

O episódio ainda é certeiro ao colocar, em seus minutos finais, depoimentos reais de estudantes e professores do ensino noturno de modo a reforçar a importância temática da série e ainda instigar sobre a continuidade do ensino noturno.

### **Imagem 43** - Depoimento factual de estudante do ensino noturno



Fonte: Globoplay, 2019

Ao ponderar sobre o episódio da *segunda temporada*, constata-se, de acordo com o Plano da Estória, que Lúcia se mantém como a personagem principal mas, diferente da primeira temporada, apresenta-se mais convicta de sua função e da agregação com a vida pessoal. Os personagens coadjuvantes adquirem mais espaço no episódio, porém, diferente dela, ainda lidam com dificuldade frente à dissociação vida pessoal x vida profissional, como é o caso de Marco André, que não sabe como reagir diante da possibilidade de dar aulas à própria mãe biológica, de Sônia, que apesar de ter uma medida restrita ao ex-marido não consegue fazer com que os filhos se distanciem dele e, de Eliete, que se embaraça ao tentar lidar com o relacionamento pessoal que tem com Jaci no ambiente de trabalho.

A inserção de personagens em situação de rua nas aulas como proposta resolutiveira para a continuidade do funcionamento da escola, alude à vida e obra da mulher cujo nome se intitula a instituição de ensino, Carolina Maria de Jesus, que, ao ser entrevistada sobre a ideia para a expressão da capa de seu livro “Quarto de Despejo”, respondeu:

É que em 1948, quando começaram a demolir as casas térreas para construir os edifícios, nós, os pobres, que residíamos nas habitações coletivas, fomos despejados e ficamos residindo debaixo das pontes. É por isso que eu denomino que a favela é o quarto de despejo de uma cidade. Nós, os pobres, somos os trastes velhos. (JESUS, 2014, p. 195)

A pergunta dramática da temporada, elaborada no Plano da Estória (“o ensino noturno conseguirá matrículas suficientes para continuar existindo?”), demonstra-se mais abrangente do que a da temporada anterior por estar estreitamente ligada ao tema da série e não mais a uma personagem em específico. Tema este que se mantém o mesmo do início do programa e se intensifica com a dificuldade de atrair novas matrículas para a escola.

No episódio em questão, o objetivo da protagonista se mantém de fazer com que os alunos frequentem as aulas e concluam seus estudos, mas o conflito principal concerne em baixa no número de alunos x funcionamento da escola.

Ao apreciar a análise de ambos os episódios no Plano da Metanarrativa, vê-se que esta terceira instância desfruta das demais para chegar à compreensão sintética do tema e das motivações pelas quais perpassam.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise da série *Segunda Chamada*, a presente monografia objetivou o estudo do ensino público periférico brasileiro de modo a descrever, segundo elementos da narrativa ancorados na abordagem metodológica analítica proposta por Luiz Gonzaga Motta (2013), características que constituem o modo como o tema é expresso em produtos audiovisuais brasileiros.

A narrativa acerca da educação pública brasileira dentre os anos 2019 e 2021 na série televisiva, produzida pela O2 Filmes e distribuída pelo Globoplay, se caracteriza, em resumo, por expor as condições de ensino-aprendizagem na periferia (que envolvem defasagem na estrutura física, mobilidade urbana desfavorecida e investimento insuficiente), ponderando sobre desigualdade acentuada pelo poder público, por destacar questões pessoais de professores e alunos admitindo que estas devem ser conduzidas em sala de aula, pelo protagonismo de educadores na luta por uma educação que abarque a todos e considere as individualidades de cada aluno e pela persistência dos estudantes ao frequentar as aulas confrontando os limites pessoais. Estas foram consideradas a partir da análise de dois episódios (o primeiro de cada temporada) de acordo com as três instâncias expressivas que compõem os seguintes “Procedimentos operacionais da análise pragmática” (Motta, 2013, p. 133): 1) Plano da Expressão - Linguagem ou Discurso; 2) Plano da Estória - Conteúdo; e, 3) Plano da Metanarrativa - Tema de Fundo. O estudo foi acrescido por conceitos que tangem ao formato televisivo e aos estudos de roteiro.

No primeiro plano, apreendeu-se que, por meio de texto, recursos sonoros e visuais, enquadramentos, objetos cênicos e etc, a intencionalidade discursiva do narrador evidencia-se de modo a apresentar a perspectiva sobre a periferia e as dificuldades do ensino diante de questões burocráticas do Estado e dos problemas pessoais de alunos e professores. Em ambos os episódios, a linguagem ou discurso empregado identifica uma escola com fragilidades estruturais, e, ao mesmo tempo, que é resultado das desigualdades sociais exemplificadas em cenas como a de uma aluna, que arrisca-se a roubar a cantina para alimentar a filha e de outra que deseja usar o banheiro feminino para afirmar a própria identidade trans. Ainda nesta instância, averiguou-se uma aproximação com a relação educador-educando traduzida por Paulo Freire (2022) mas que é distinta por se mostrar mais horizontal.

No plano da estória, que permitiu maior aproveitamento em termos de identificação de elementos narrativos, aplicou-se o Paradigma Narrativo de Syd Field (2002) como modelo estrutural e foi possível apontar os pontos principais das narrativas, que são: Apresentação,

Ponto de Virada 1, Confrontação, Ponto de Virada 2 e Resolução. Constatou-se que a protagonista é a personagem Lúcia, os coadjuvantes são os demais professores e os secundários são os alunos. Além disso, o objetivo principal da protagonista nos dois episódios consiste em fazer com que os alunos frequentem as aulas e concluam os estudos. No episódio da primeira temporada, o conflito principal gira em torno de pessoal vs. profissional, enquanto que na segunda, este se torna secundário e o principal passa a ser o baixo número de matrículas que afeta o funcionamento da escola.

Na terceira instância expressiva, em que se analisou o tema de fundo, que é a evasão escolar no ensino noturno, percebeu-se que para a compreensão sintética das motivações pelas quais o perpassam, o plano precisou alimentar-se de informações pré-concebidas nos demais. Notou-se que o realce dos conflitos (ex.: maternidade precoce vs. falta de rede de apoio; subemprego diurno vs. aula noturna; dificuldade de locomoção vs. motivação para estudo) foi de suma importância para a ênfase temática. Desta forma, caso a intenção analítica tomasse por base apenas este plano, haveria maior complexidade de se chegar a definições às quais são exigidas. Além disso, para reforçar a premissa dramática da série, a inclusão de depoimentos reais ao final do episódio da primeira temporada foi fundamental e acredita-se que tenha sido pensada desde a etapa de pesquisa para a sala de roteiristas.

O estudo em questão correspondeu às expectativas no sentido de enaltecimento dos elementos fundamentais das narrativas para entender o modo como se caracteriza a educação pública brasileira na série televisiva e, mais especificamente, apontou conexões entre a realidade do cenário nacional e o retrato nos produtos audiovisuais. Contudo, houve dificuldades introdutórias de aplicação da metodologia analítica pretendida pela falta de referências práticas de aplicabilidade anterior.

Espera-se que, em futuros trabalhos de análise de produtos audiovisuais, tais como séries e filmes, seja ponderada a possibilidade de uso do método proposto por Motta para que a experiência analítica se torne mais popular e robusta. Além disso, almeja-se que mais produtos audiovisuais brasileiros, como os citados neste trabalho, sejam considerados minuciosamente examinando o recorte da educação pública periférica.

## 5 REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Edipro, 2011.

ATRAVESSA a vida. Direção de João Jardim. Sergipe: Globoplay, 2020. (82 min)

BRITTO, L. P. L. et al.. **Conhecimento e formação nas IES periféricas perfil do aluno "novo" da educação superior**. Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas), v. 13, n. Avaliação (Campinas), 2008 13(3), nov. 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/aval/a/cKPFX6f9pmfkrVnS4FmSwCr/abstract/?lang=pt#>>. Acesso em: 16 jan. 2023.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 1989.

CARVALHO, Maria. JOANA, Luciana. Distância espacial e distância social: a racionalidade da educação periférica. **Revista Lusófona de Educação**. v. 55, n. 55 (2022). p. 153-165, 2022.

DIAMOND, J. B., POSEY-MADDOX, L., & VELÁZQUEZ, M. D. (2021). Reframing Suburbs: Race, Place, and Opportunity in Suburban Educational Spaces. **Educational Researcher**, 50(4), 249–255. <https://doi.org/10.3102/0013189X20972676>. Disponível em:<er\_paper\_revision\_10-14-20final.edited.pdf (johnbdiamond.com)>. Acesso em: 24 jan. 2023.

**Diegese**. In: E-Dicionário de Termos Literários de Carlos Ceia, 2009. Disponível em: <<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/diegese>>. Acesso em 18 jan. 2023.

Editora Conceitos.com. **Conceito de Escola Pública e Escola Privada**. Mar, 2017. Disponível em: <<https://conceitos.com/escola-publica-privada/>>. Acesso em 22 jan. 2023

FANTÁSTICO. **Brasileiro sai da periferia de Brasília e se torna um dos artistas plásticos mais valorizados do mundo**. G1, 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/12/26/brasileiro-sai-da-periferia-de-brasilia-e-s-e-torna-um-dos-artistas-plasticos-mais-valorizados-do-mundo.ghtml>>. Acesso em: 24 jan. 2023.

FIELD, Syd. **Manual do Roteiro**: os fundamentos do texto cinematográfico. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

HARNIK, Simone. **José Pacheco: "Brasil despreza seus educadores geniais"**. OutrasMídias, 2013. Disponível em:

<<https://outraspalavras.net/outrasmidias/jose-pacheco-brasil-despreza-seus-educadores-geniais/>>. Acesso em: 30 jan. 2023.

JESUS, Likem Edson Silva de. Periferia, um termo crítico: distanciamentos espaciais, sociais e simbólicos nas cidades. **Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais**, Recife. v. 10, n. 1 (2021). p. 58-78, 2021.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014.

MACHADO, Arlindo. **A Televisão Levada a Sério**. São Paulo: Senac, 2001.

MALHAÇÃO: Viva a Diferença. [Seriado] Direção de Paulo Silvestrini. Roteiro: Cao Hamburger, Bruno Lima Penido, Cadu Machado, Carolina Ziskind, Jaqueline Vargas, Luciana Pessanha, Mário Viana, Renata Martins, Vítor Brandt e Charles Peixoto. São Paulo: TV Globo, 2017 (30 min)

MCKEE, Robert. **Story**: substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro. Curitiba: Arte & Letra, 2006.

MOREIRA, Jéssica. **Escola da Ponte radicaliza a ideia de autonomia dos estudantes**. Educação Integral, 2014. Disponível em: <<https://educacaointegral.org.br/experiencias/escola-da-ponte-radicaliza-ideia-de-autonomia-dos-estudantes/>>. Acesso em: 24 jan. 2023.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

NADA. Direção de Gabriel Martins. Belo Horizonte: Filmes de Plástico, 2017 (27 min)

**Narrativa**. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2021. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/narrativa>> Acesso em: 18 jan. 2023.

PERES, Paula. **Não é só renda**: Educação tem mais impacto no acesso à cultura. Nova Escola, 2018. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/12159/educacao-garante-mais-acesso-a-cultura-do-que-renda-diz-pesquisa>>. Acesso em 10 jan. 2023.

**Periferia**. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/periferia/>> Acesso em: 01 fev. 2023

**Periferia**. In: MICHAELIS On-line. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/periferia/>> Acesso em: 13 jan. 2023.

**Periferia.** In: PRIBERAM. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/periferia>> Acesso em: 20 jan. 2023

PRO dia nascer feliz. Direção de João Jardim. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2005 (89 min)

QUE Horas ela volta. Direção de Anna Muylaert. São Paulo: África Filmes & Globo Filmes, 2015 (114 min)

RIBEIRO, Darcy. **Educação como prioridade.** São Paulo: Global, 2018.

SEGUNDA Chamada. [Seriado] Direção de Carla Faour e Julia Spadaccini. Produção: Isabela Bellenzani. Roteiro: Giovana Moraes, Maíra Motta, Victor Atherino, Dino Cantelli e Marco Borges. São Paulo: O2 Filmes, 2019 (45 min)

SENE, Geslaine da Silva. **Evasão na educação de jovens e adultos:** em estudo sobre uma comunidade periférica de Ariquemes. 2019, 62 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Fundação Universidade Federal de Rondônia, Ariquemes, 2019. Disponível em: <<https://ri.unir.br/jspui/handle/123456789/2921>>. Acesso em: 16 jan. 2023.

SILVA, C. M., RIBEIRO, C. **Escola da Ponte: Um projeto pedagógico de referência.** In J. Pintassilgo, & L. A. M. Alves (Coords.), Roteiros da inovação pedagógica: Escolas e experiências de referência em Portugal no século XX (pp. 483-507). Lisboa: Instituto de Educação, Universidade de Lisboa, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/38276>>. Acesso em: 24 jan. 2023.

SIMMEL, Georg. **As Grandes Cidades e a Vida do Espírito.** Covilhã: Lusosofia, 2009.

SÓ ESCOLA. **Educação no Brasil:** Darcy Ribeiro e a crise da educação. 2018. Disponível em: <<https://www.soescola.com/2018/07/educacao-no-brasil.html>>. Acesso em 01 fev. 2023

SOUZA, J. C. A. de. **Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira.** São Paulo: Summus, 2015.

**Subemprego.** In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2021. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/subemprego>> Acesso em: 20 jan. 2023.

## APÊNDICES

### I - Resenha\* “Pro Dia Nascer Feliz” por Ester Macedo Lira

O longa-metragem dirigido por João Jardim evidencia a situação educacional do Brasil baseada em personagens que compõem o universo escolar. Ao se empenhar em proporcionar um retrato do cotidiano de estudantes de escolas públicas e privadas, o documentário expressa entre depoimentos e imagens, as condições diferenciadas do ensino com especial atenção à precariedade do sistema e infraestrutura públicos.

Na sequência inicial, é possível ver imagens e narração a respeito da chamada “juventude transviada”, que seria um questionamento sobre a responsabilidade política da juventude. Em outras palavras, há uma crítica clara quanto ao tratamento de jovens pertencentes a localidades periféricas e aos que fazem parte do contexto elitizado. As dificuldades apresentadas por alunos na tentativa de se manterem focados nos estudos e terem a possibilidade de conclusão, demonstram a fragilidade das ações governamentais.

Mobilidade comprometida ou impossibilitada, defasagem financeira e autoria questionada são algumas das argumentações debatidas e enfrentadas no ensino público. O sistema que dificulta ao invés de ajudar a condicionar o ensino, faz com que professores sejam levados à exaustão por seus esforços em proporcionar valores educativos. A falta de contratação de mais profissionais da educação ocasiona muitas vezes o fenômeno de salas ultra-lotadas comprometendo a concentração dos alunos e provocando a sobrecarga emocional e física dos servidores.

Diante de tantas considerações, estudantes cuja dedicação haveria de proporcionar novas perspectivas de desenvolvimento futuro que levariam a melhores condições de qualidade de vida, são impedidos por tamanhas barreiras em suas experiências formativas. A exemplo disso, no documentário é apresentada uma jovem que se destaca por seu amor à poesia e tamanha aplicação nas tarefas escolares mesmo convivendo em conjunto de circunstâncias humildes, contudo, ao apresentar um de seus poemas, tem sua autoria questionada e inviabilizada por uma professora e isso a impede de participar de um concurso. Outro exemplo é o de uma jovem chamada Keilla, que também era uma ótima estudante e almejava cursar o ensino superior, porém, ao se formar no ensino médio, devido às limitações financeiras, passa a trabalhar como dobradora de calças.

Dentre outras questões que compõem a conjuntura predominantemente do universo de escolas públicas, estão as complicadas relações parentais, os atos violentos, tendo como hábito diário palavras de baixo calão e a aproximação com a criminalidade.

Quanto à escola privada apresentada na obra, é evidente a relação entre raça e situação político-econômica ou social. A maioria dos estudantes é branca e por mais que essa parcela também apresente dificuldades de desenvolvimento escolar, as preocupações estão mais voltadas ao caráter individual, à autocobrança em prol da superação de expectativas dos pais, à gestão de tempo para a realização de atividades extracurriculares e à sobre-iminência de crises existenciais com o apoio da religião.

O documentário exhibe uma proposta interessante de averiguação de diferenças sociais e suas implicações na vida cotidiana e mesmo tendo sido finalizado em 2006 ainda é um objeto de estudo necessário e passível de conjecturas sobre outros cenários possíveis.

\*Resenha apresentada para a disciplina Políticas de Comunicação (FAC/UnB) em março de 2022.

## II - Mapa Analítico - Aplicação do Paradigma Narrativo

Série Segunda Chamada		
Episódio 1 - Primeira Temporada (1x1)		
Apresentação	Lúcia, como professora dedicada dentro e fora da escola	
Ponto de Virada 1	O bebê de Rita interrompe a aula de Eliete	
Confrontação	Rita, para superar a fome da filha, arrisca-se a roubar a cantina;	
	Natasha é barrada ao tentar usar o banheiro feminino.	
Ponto de Virada 2	Lúcia ministra uma aula sobre a escritora Carolina Maria de Jesus, que dá nome à escola, e faz com que seus alunos reflitam a respeito da condição de vulnerabilidade pela qual a autora, catadora de papel residente da Comunidade do Canindé (considerada uma favela dos anos 1950), teve que passar principalmente em situações de preconceito. Na ocasião, a professora chega a falar que “essa escola pode ser a nossa segunda chance”.	
		

<p>Resolução</p>	<p>Lúcia e Jaci se preocupam com o que fazer com a criança deixada na escola;</p> <p>Flashback de Lúcia ao brigar com aluno na escola.</p>	 
<p>Episódio 1 - Segunda Temporada (2x1)</p>		
<p>Apresentação</p>	<p>Lúcia diante de prédios em São Paulo;</p> <p>Lúcia observa pessoas em situação de rua com livros</p>	 
<p>Ponto de Virada 1</p>	<p>Lúcia se indigna ao saber da desistência de Wallace</p>	
<p>Confrontação</p>	<p>Anuíá recolhe miçangas que foram jogadas do chão da escola;</p> <p>Lúcia vai em busca de Wallace;</p>	 

	Gilsinho discute por uma carteira;	
Ponto de Virada 2	<p>Sônia ministra aula sobre a origem dos povos;</p> <p>Anuíá assiste aula de Sônia;</p> <p>Gilsinho revela que tem Alzheimer</p>	  
Resolução	<p>Marco André se aproxima de Maria Expedita;</p> <p>Lúcia convida pessoas em situação de rua a frequentarem a escola</p>	 